



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO:

Conhecimento e Inclusão Social em Educação  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG

**Navegando por entre trilhas digitais  
com novas e velhas gerações**

**DANIELE CRISTINA MENDES**

**NAVEGANDO POR ENTRE TRILHAS DIGITAIS  
COM NOVAS E VELHAS GERAÇÕES**

**Belo Horizonte**

**Faculdade de Educação da UFMG**

**2010**

**DANIELE CRISTINA MENDES**

**NAVEGANDO POR ENTRE TRILHAS DIGITAIS  
COM NOVAS E VELHAS GERAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação e Linguagem

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Marildes Marinho

**Belo Horizonte**

**Faculdade de Educação da UFMG**

**2010**

Mendes, Daniele Cristina,

M538n                    Navegando por entre trilhas digitais com novas e velhas gerações /  
Daniele Cristina Mendes. - UFMG/FaE, 2010.

D

101 f., enc, il.

Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Educação.

Orientadora : Marildes Marinho.

Bibliografia : f. 94-101.

CDD- 372.358

**Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG**



Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação

Dissertação intitulada, **NAVEGANDO POR ENTRE TRILHAS DIGITAIS COM NOVAS E VELHAS GERAÇÕES**, de autoria de **DANIELE CRISTINA MENDES**, analisada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marildes Marinho – UFMG - Orientadora

---

Prof<sup>º</sup>. Dr. Miguel Rettenmaier da Silva – UFP

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Elisa Ferreira Ribeiro – CEFET MG

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Zélia Versiani Machado – UFMG

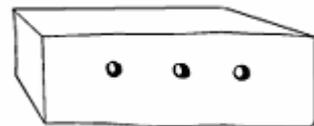
---

Aprovado em: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Belo Horizonte, 30 de junho de 2010.

(...) E arrisquei:

Esta é a caixa. O carneiro que queres está aí dentro.



E fiquei surpreso ao ver iluminar-se a face do meu pequeno juiz:

- Era assim mesmo que eu queria! Será preciso muito capim para esse carneiro?

- Por quê?

- Porque é muito pequeno onde eu moro...

- Qualquer coisa chega. Eu te dei somente um carneirinho!

Inclinou a cabeça sobre o desenho:

- Não é tão pequeno assim... Olha! Ele adormeceu...

E foi assim que conheci, um dia, o pequeno príncipe.

Saint-Exupéry (2006, p. 14-15)

*Aos meus pais...*

## **AGRADECIMENTOS**

Muitos foram aqueles que me auxiliaram neste trabalho. Cada um a seu modo auxiliou na sustentação dos pilares da minha vida. Sozinha seria impossível ter caminhado nesta direção.

### *Agradeço especialmente...*

À minha amiga, companheira de pesquisa e orientadora Marildes, pelo apoio, carinho, paciência, confiança, ensinamento, dedicação e oportunidades na Revista Língua Escrita e na Licenciatura Intercultural Indígena.

Aos professores, pelos valiosos ensinamentos, em especial, as professoras Ana Maria de Oliveira Galvão, pelo incentivo desde o período da graduação, e Isabel Cristina Alves da Silva Frade, pela oportunidade de trabalhar com a disciplina “Comunicação Educativa” no meu estágio docente.

À professora Graça Paulino, pela leitura atenciosa do meu projeto de pesquisa.

Ao professor Manuel Palomares, do Dpto. de Psicología Evolutiva y de la Educación da Universidad Autónoma de Madrid, sempre disponível e gentil, no envio de textos e sugestões de leituras.

Ao professor Miguel Rettenmaier, do programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, pelas oportunidades oferecidas e pelas trocas de ideias.

Aos amigos do “Programa da Pós”, agradeço pelas oportunidades de aprendizado, que acrescentou algo nessa trajetória. Em especial, às amigas: Cláudia, Erciléia, Júnia, Fernanda Silva, Fernanda Castro, Fernanda Zilli, Débora, Ângela, Dayse, Marinilda, e Giselli.

À Secretaria do Programa da Pós, sempre atenciosos!

Aos companheiros do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), pelos bons momentos de convívio e trabalho.

*Agradeço carinhosamente...*

Aos meus pais, Marise e Paulo, pelo oferecimento de uma estrutura familiar em que eu pudesse me dedicar às muitas horas de estudo e, principalmente, pela escuta atenciosa dos meus medos, ansiedades e dúvidas.

Ao meu irmão Rodolfo, pelo carinho e planejamento conjunto de um futuro promissor.

Ao Gilcione, pelo amor e constante incentivo.

Aos meus outros tantos familiares, pelos votos de sucesso e encorajamento. E aos meus outros tantos amigos e amigas, pela torcida e palavras de apoio.

À D. Marta, que, no meio deste trabalho, foi navegar nas estrelas...

*Agradeço alegremente...*

À direção e colaboradores da Ong Verde Novo, pela abertura, recepção, espaço, oportunidade de desenvolvimento deste trabalho.

Aos amigos da pesquisa, sujeitos que gentilmente disponibilizaram do seu tempo para que eu pudesse acompanhá-los.

À FAPEMIG e a CAPES, pelo apoio financeiro durante o mestrado.

## RESUMO

Três perguntas orientaram esta pesquisa: Como se dá o acesso dos jovens e idosos à tecnologia da *internet* e do computador? Que práticas de letramentos estão envolvidas nesse processo? Como jovens e idosos se apropriam do espaço virtual? Para responder a essas questões, foi importante compreender as motivações que levam as pessoas com idade entre 14 e 24 anos e com mais de 60 anos a procurarem locais onde podem utilizar a *internet*. Foram selecionados dois ambientes específicos: um voltado para o aprendizado das ferramentas do computador e da *internet* e capacitação profissional, e outro de livre acesso, respectivamente, Centro Vocacional Tecnológico (CVT) e *Lan House*. Este trabalho se apoiou em pressupostos teóricos sobre letramento (Soares; Marinho) e mais especificamente sobre letramento digital, tal como propõe Buzzato. Por se tratar do acesso de diferentes gerações, abordamos o envelhecimento enquanto categoria social (Bosi) nos seus desafios diante da apropriação de conhecimentos digitais (Kachar). Quanto à categoria juventude, dialogou-se com o conceito de diversidade proposto por Dayrell. Por fim, para sustentar a discussão sobre a sociedade na era da tecnologia da comunicação e informação, além da percepção do uso dos termos de *exclusão* e *inclusão* digital, trabalhamos com as concepções de Marteleto e Ribeiro, Bretas, Warschauer, Castells, Touraine, entre outros. Metodologicamente, a pesquisa foi construída numa perspectiva etnográfica (Green), tendo sido realizadas observações durante dez meses. Os dados se apoiaram em registro em caderno de campo, aplicação de questionário e entrevistas semi-estruturadas com os usuários do Centro Vocacional Tecnológico, bem como em acompanhamento desses sujeitos nos seus momentos de navegação pela *internet*. Essa perspectiva etnográfica levou em conta, também, algumas pesquisas que se autodenominam *etnografia online*: Androutsopoulos, Georgakopoulou, Gómez Cruz e Mayans i Planells. Observamos que as interações entre as “velhas e novas gerações” e as tecnologias de comunicação, nessas salas do CVT, enfatizam a importância desse espaço como um lugar de sociabilidade e de lazer. Neles, os sujeitos fazem uso dessa tecnologia para atividades de comunicação, de interação, ampliando sua rede e modos de relações sociais. Essa apropriação nos sugere que apontar os sujeitos como “excluídos” ou “incluídos” não facilita a compreensão do processo de como as pessoas interagem, compreendem, assimilam, transformam e veem a *internet* e/ou outras tecnologias, pois cada grupo, a seu modo, se relaciona com essa tecnologia de acordo com a sua capacidade de transitar entre as diferentes zonas de contato (Pratt) que a sociedade oferece a ele.

**Palavras chave:** Internet, Letramento Digital, Jovens, Idosos, Educação.

## ABSTRACT

The present research was orientated by three questions: How does the access of Internet and computer by young and old people take place? Which literacy practices are involved in this process? How do young and old people get used to virtual space? In order to answer such questions, it was important to comprehend the motivation that lead people from 14 to 24 and older than 60 years old to seek for places where they can have access to Internet. Two specific places were selected: one of them providing learning of computational and Internet tools and professional qualification, and the other providing unlimited Internet access, respectively *Centro Vocacional Tecnológico* (CVT) and *Lan House*. This research is based on the theoretical studies about literacy (Soares; Marinho), and work mainly focused on digital literacy, according to the studies of Buzzato. Once we are discussing a matter of different generations' access to Internet, the question of aging is discussed from the perspective of social category (Bosi) because of the challenges of mastering digital knowledge (Kachar). Nevertheless, the young people category is connected to the diversity concepts of Dayrell. Finally, due to the necessity to support the discussion about society in the era of technology, communication, and information, further than the use of the concepts of digital *exclusion* and *inclusion*, this research works with the ideas of Marteleto and Ribeiro, Bretas, Warschauer, Castells, Touraine, among others. Concerning methodology, this research was built from the ethnographic perspective (Green), carrying out observations along the course of ten months. Data base were formed from the register on diary fields, questionnaire and semi-structured interviews with the users of *Centro Vocacional Tecnológico*, as well as observing such users when they were making use of Internet. Furthermore, this ethnographic perspective took into account some researches that auto-nominated themselves *e-ethnography*: Androutopoulos, Georgakopoulou, Gómez Cruz, and *Mayans i Planells*. It has been noticed that the interactions among “old and new generations”, as well as communication technology within CVT classes, highlight the importance of such spaces as settings for social and leisure interactions. Within such spaces, individuals make use of technology to carry out communication and interaction activities, extending their network and ways to develop social affairs. This perspective support the evidence that classify individuals as “excluded” or “included” does not smooth the progress of comprehension of how people interact, understand, assimilate, transform, and perceive Internet and/or other technologies, because each group has got its own way to interconnect with technology, according to its capacity of moving around the different contact zones (Pratt) that are offered by society.

**Key-words:** Internet, digital literacy, young people, old people, education

## LISTA DE FIGURAS

Quadro 1 – Teses e Dissertações sobre representação social e mídias.....	p. 20
Quadro 2 – Teses e Dissertações sobre os sujeitos em comunidades virtuais.....	p. 23
Quadro 3 – Teses e Dissertações sobre leitura e escrita na tela.....	p. 27
Quadro 4 – Teses e Dissertações sobre jovens na rede.....	p. 32
Quadro 5 – <i>Lan House</i> analisadas.....	p. 80
Gráfico 1 – Distribuição total dos usuários em função do gênero.....	p. 44
Figura 1 - Folder de divulgação da ONG VERDENOVO.....	p. 48
Figura 2 – Fechar.....	p. 60
Figura 3 – Minimizar.....	p. 60
Figura 4 – Restaurar.....	p. 60
Figura 5 - Distribuição geográfica dos pontos comerciais com acesso à <i>internet</i>	p. 78
Figura 6 – <i>Lan House</i> ICE.....	p. 81
Figura 7 – <i>Lan House</i> ArenA.ph.....	p. 81
Figura 8 – <i>Lan House</i> Control´s.....	p. 82
Figura 9 – <i>Lan House</i> Web Caverna.....	p. 83
Figura 10 – Rede de Interação dos usuários do CVT no <i>Orkut</i> .....	p. 86

## **LISTA DE SIGLAS**

APL -	Arranjos Produtivos Locais
ARPA -	Advanced Research Projects Agency
ARPANET -	Advanced Research Projects Agency Network
CVT –	Centro Vocacional Tecnológico
Html -	Hypertext Markup Language
HTTP -	HyperText Transfer Protocol
IBGE –	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MILNET -	Military Network
MSN -	Microsoft Service Network
ONG -	Organizações Não Governamentais
OS -	Organizações Sociais
OSCIP -	Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público
SECTES -	Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
TIC –	Tecnologia da Informação e Comunicação
URI -	Uniform Resource Identifier
URL -	Uniform Resource Locator
WEB -	World Wide Web

## SUMÁRIO

<b>1.0 – CONECTANDO A REDE DE PESQUISA.....</b>	p. 01
1.1 – Ficando online.....	p. 03
1.2 – Primeiro nó.....	p. 05
1.3 – Segundo nó.....	p. 08
1.4 – Conectando os <i>nós</i> .....	p. 11
<b>2.0 - FAZENDO UM DOWNLOAD DA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE INTERNET.....</b>	p. 17
2.1 – Representação social e mídias.....	p. 18
2.2 – Os sujeitos em comunidades virtuais.....	p. 22
2.3 – Leitura e Escrita na tela.....	p. 25
2.4 – Jovens na rede.....	p. 30
<b>3.0 – TECENDO REDES.....</b>	p. 38
3.1 – Uma trilha pela estrada real.....	p. 38
3.2 – Uma trilha pela estrada virtual.....	p. 40
3.3 – Interligando as trilhas.....	p. 41
3.4 – Os navegadores.....	p. 42
3.5 – Os pontos de encontro do pesquisador e pesquisados.....	p. 45
3.6 – A conexão dos pontos.....	p. 52
<b>4.0 – A TERCEIRA IDADE E A APROPRIAÇÃO DE CONHECIMENTOS DIGITAIS.....</b>	p. 56
4.1 – Velho, Idoso, ou Terceira Idade?.....	p. 56
4.2 – Apropriação da tecnologia pela Terceira Idade.....	p. 59
4.3 – “Incluídos” ou “excluídos”?.....	p. 71
<b>5.0 – APROPRIAÇÃO DE CONHECIMENTOS DIGITAIS PELOS JOVENS.....</b>	p. 74
5.1 – Além do CVT.....	p. 77
5.2 – Como os jovens se apropriam desse espaço?.....	p. 84
<b>6.0 – FICANDO OFFLINE.....</b>	p. 90
<b>7.0 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	p. 94

## 1.0 - CONECTANDO A REDE DE PESQUISA

Nesta apresentação, pretendo situar o leitor no que esta pesquisa pretende abarcar diante das muitas questões que o tema “tecnologia na educação” propõe. Penso ser interessante adiantar o problema da pesquisa para este primeiro parágrafo, pois o conhecimento prévio do problema permitirá uma leitura contextualizada da apresentação do trabalho, uma vez que, como diz Eco (1994, p. 63), *o tempo do discurso é o resultado de uma estratégia textual que interage com a resposta dos leitores e lhes impõe um tempo de leitura*. Meu interesse foi tentar identificar práticas de “letramentos digitais” de dois grupos de sujeitos: jovens e idosos, posteriormente identificados como pertencentes às classes populares, que frequentavam dois espaços distintos de acesso a *internet*. Procurou-se descobrir o significado dessas práticas em suas vidas, buscando compreender como relacionam seus usos nas suas atividades cotidianas e virtuais, principalmente com relação à socialização e formação de redes na *internet*. Dessa forma, foi importante compreender as mobilizações que levavam os sujeitos a procurarem locais onde poderiam utilizar a *internet*. Por isso foram selecionados dois ambientes específicos: um voltado para o aprendizado da tecnologia e capacitação profissional e outro de livre acesso, respectivamente, Centro Vocacional Tecnológico e *Lan House*. Neste trabalho, vários questionamentos foram feitos, buscando entender as motivações, as expectativas e os valores que estão agregados nas novas tecnologias que fizeram/fazem com que esses sujeitos procurem tais locais; quais os ambientes virtuais frequentados e qual ou quais os sujeitos que os frequentam; e, ainda, como é a utilização desses espaços, Outras perguntas rondaram o trabalho durante todo o percurso da pesquisa. Longe de serem respondidas, mostram apenas a angústia de se pesquisar um

tema recente e complexo no meio acadêmico, principalmente no campo das ciências da educação.

Desde o projeto inicial de pesquisa, nos indagamos sobre as inúmeras mudanças no modo como a sociedade vem se organizando e como é fundamental problematizarmos a questão do acesso a *internet*. O uso da *internet* está ao alcance de todos? A tecnologia tem otimizado ou dificultado o direito do cidadão de participar da sociedade? Compreender o mundo virtual passa, primeiramente, pela instrumentalização do acesso? Como se inicia o aprendizado do uso da escrita e da leitura nos meios eletrônicos? Qual a função da *internet* para esses sujeitos? E diante das diferentes possibilidades e formas de acesso, fica a questão: como pensar a relação desses sujeitos diante dos termos utilizados pelo senso comum “incluídos” ou “excluídos”? Poderíamos relacionar tais sujeitos a um determinado grupo ou parcialmente pertencentes a ele?

Esses e outros questionamentos serão discutidos neste trabalho, que está organizado em cinco capítulos e mais as considerações finais. Nesta apresentação, “Conectando a rede de pesquisa”, procurei exibir um pouco a evolução da tecnologia da *internet* e da escrita, com o objetivo de tentar desconstruir possíveis imaginários sobre a imparcialidade da entrada de uma tecnologia na sociedade. Neste capítulo, apresento também as perguntas que nortearam a pesquisa e seus objetivos. No segundo capítulo, “Fazendo um download da produção acadêmica sobre *internet*”, exponho uma síntese de vinte e uma dissertações e teses resenhadas, com o objetivo de conhecer os objetos e as metodologias utilizados por outros trabalhos que rondavam a temática deste. No terceiro capítulo, “Tecendo redes”, tento descrever os passos, as opções e as teorias que sustentam a metodologia desta pesquisa, além de apresentar os sujeitos e os locais pesquisados. No quarto capítulo, “A terceira idade e a

apropriação de conhecimentos digitais”, faço minhas considerações acerca do grupo da terceira idade em contexto de apropriação digital; e, em seguida, no capítulo “Apropriação de conhecimentos digitais pelos jovens”, faço essa relação com os jovens. Por fim, no capítulo “Ficando Offline”, aponto algumas considerações sobre as fronteiras em que vivem esses sujeitos no seu trânsito pelos vários letramentos vivenciados a partir de suas experiências pessoais com a tecnologia.

### 1.1 - Ficando online

#### *O ovo eletrônico*

*não se trata da produção de pintos metálicos em incubadeiras dirigidas por computadores, nem de ovos em galinhas cibernéticas. O problema é o da extensão sensorial do ser humano, integrando-o numa comunidade terrestre em que o planeta se torna uma aldeia global, “a global village”, como o classifica Marshall McLuan. O ovo eletrônico é a terra”. (Ivan Pedro de Martins, 1969)*

Descrito em 1969, “o ovo eletrônico” já fazia alusão ao que hoje denominamos por *internet* e que atualmente se faz pilar de sustentação da sociedade da informação na rede mundial de computadores. Digamos que a Terra se tornou “um ovo”. Óbvio que dessa afirmação não extraímos generalizações. Temos consciência dos enfrentamentos pessoais e coletivos de se viver numa sociedade estratificada e complexa. Entretanto podemos ampliar o sentido da expressão, no que se refere a sua possibilidade de comunicação em escala global e na forma como tem influenciado nossa sociedade. Porém, é importante ressaltar que a sua

criação e estrutura não foram pensadas no seu atual estágio de desenvolvimento e no modo como vivemos a rede. O ovo eletrônico foi se modificando ao longo do tempo. Assim, apresento, a seguir, um breve histórico daquilo que denominamos hoje de *internet*. Muitas das informações aqui trazidas foram extraídas do livro de Castells (2001), considerado um dos principais analistas da era da informação. Mesmo tendo essa apresentação um caráter descritivo-informativo e talvez com poucas novidades para alguns leitores, considero-a importante para a compreensão do “ninho teórico” que abriga esse trabalho. Portanto, irei iniciar, de forma muito breve, contando o “nascimento” da rede.

A origem da *internet* está na ARPA (*Advanced Research Projects Agency*), criada em 1969 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos e composta por um grupo de universitários que buscavam superar a tecnologia militar da União Soviética, após o lançamento do *Sputnik*, em 1957. O objetivo do grupo era desenvolver a computação interativa, por meio da qual os grupos de pesquisa pudessem compartilhar dados *online*. Os primeiros nós da empreitada surgiram em 1969, na Universidade da Califórnia, nas cidades de Los Angeles e em Santa Bárbara. O conceito de rede apareceu quando esses nós pertencentes a uma rede foram ligados a outra rede constituída por outros nós. Em 1975, a ARPANET foi transferida para a *Defense Communication Agency* e então dividida em MILNET (para uso militar) e ARPA-INTERNET (para pesquisas). Aqui vou me deter no desenvolvimento da ARPA-INTERNET, que em 1990 foi transferida para a *National Science Foundation*, que então a privatizou. Um dos principais motivos que permitiram a expansão da *internet* foi o desenvolvimento da *www* (protocolo de dados) através do programa Enquire, na década de 80, criado por Berners-Lee. Esse *software* possibilitou a troca de informações entre computadores conectados através da HTTP, MTML e URI (atual URL). Lee, associado com Robert Cailliau, desenvolveu um programa navegador/editor na década de 90 e denominou

esse sistema de hipertexto de *world wide web* (rede de alcance mundial). O primeiro navegador (programa que permite descarregar as informações) comercial foi o *Netscape Navigator*, em 1994. Após a difusão do *Navigator*, a *Microsoft*, em 1995, lançou o *Windows 95* com o seu próprio navegador: o *Internet Explorer*. Os frequentes avanços e pesquisas permitiram, então, que a rede chegasse ao estágio atual e parte desse avanço se deu pelos próprios usuários, pois podemos caracterizá-los, *grosso modo*, como produtores da tecnologia, transformando-a de acordo com os seus usos e funções. Todas essas modificações só foram possíveis pela conduta dos primeiros *hackers*, mediante suas intervenções cooperativas no uso de recursos ligados à distribuição aberta e gratuita de *softwares*.

## 1.2 - Primeiro nó

As discussões deste trabalho estão inseridas no campo das pesquisas que apontam para a direção de que a sociedade atual está sob o foco de um novo paradigma, baseado na informação e na comunicação. Isso devido à ideia central de que várias sociedades estão organizadas em rede. Tomo como exemplo a economia mundial, que gira em torno dessa concepção e pode ser vista como um ponto dessa multiplicidade de nós em que vivemos conectados. Mas o que é uma sociedade em rede? De acordo com Castells:

As redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a

base material para a sua expansão penetrante em toda a estrutura social. Além disso, eu afirmaria que essa lógica de redes gera uma determinação social em nível mais alto que a dos interesses sociais específicos expressos por meio das redes: o poder dos fluxos é mais importante que os fluxos do poder. **A presença na rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de dominação e transformação de nossa sociedade:** uma sociedade que, portanto, podemos apropriadamente chamar de sociedade em rede, caracterizada pela primazia da morfologia social sobre a ação social (Castells, 1999, p. 497) (grifos meus.).

Se antes a questão de pertencimento de classe era fundamental nas relações de poder, estamos vivendo um momento de transição, pois a forma de acesso à tecnologia é um fator determinante para o modo como um sujeito pode vivenciar suas relações nos dias atuais, seja no trabalho, no estudo, no lazer, etc. A rede funciona por meio de “*nós*” e é a sua topologia que determina as relações existentes. Por topologia entendo tanto a aparência da rede quanto o fluxo de informações presentes nesta rede, considerando que:

a rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva entrecorta (...). A topologia definida por redes determina que a distância (frequência da interação) entre dois pontos (posição social) é menor (ou mais frequente, ou mais intensa), se ambos os pontos forem nós de uma rede do que se não pertencerem à mesma rede. (...) A inclusão/exclusão em redes e a arquitetura das relações entre redes, possibilitadas por tecnologias da informação que operam à velocidade da luz, configuram os processos e funções predominantes em nossas sociedades (Castells, 1999, p. 498).

A partir dessa concepção produzida pela ideia de pontos, podemos pensar a importância da rede nas relações dos sujeitos. Se a rede é um conjunto de nós e cada sujeito pertence a um nó, mas pode se relacionar a outros “nós”, a posição que o sujeito ocupa neste nó vai determinar sua relação com a rede. Dessa forma, acredito que o uso e a função que um sujeito faz da rede estão ligados ao seu acesso e frequência. Então, como os sujeitos se percebem nesses processos de fronteiras entre acesso, uso, função e frequência? Para Touraine (2006), a sociedade pós-moderna pode ser pensada a partir de dois fundamentos: o primeiro baseia-se na crença na ciência e na tecnologia e o segundo, no *reconhecimento dos direitos dos indivíduos* (Op. Cit p.87). Esses dois princípios reforçam a ideia da modernidade, ao darem condições de os sujeitos vivenciarem uma outra realidade a partir da presença da tecnologia da informação e da comunicação. Essa outra realidade permite, então, uma desconstrução das identidades na sociedade da informação. Ainda para Touraine (2006, p. 119), *o indivíduo não passa então de uma tela sobre a qual se projetam desejos, necessidades, mundos imaginários fabricados pelas novas indústrias da comunicação*. As velhas identidades, que até então sustentavam o mundo social, estão em declínio, fazendo surgirem novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno. A crise da identidade é compreendida como parte de um processo maior de mudança da sociedade. Hall (2005) parte do pressuposto de que as identidades modernas estão sendo fragmentadas. Segundo esse autor, as sociedades modernas do século XX estão passando por um tipo de mudança estrutural, que partilha nossa percepção de classe, gênero, nacionalidade e as nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. É essa perda da ideia de si mesmo que Hall (2005) denomina de *descentração do sujeito*. Esse deslocamento do sujeito do seu lugar no mundo e de si mesmo constitui uma *crise de identidade* para o indivíduo (p. 9) Para esse autor:

à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente (Hall, 2005, p.13).

O tempo na nossa sociedade também está sendo transformado. Segundo Castells (1999), o tempo pode ser percebido de duas formas diferentes: pela *simultaneidade* e pela *intemporalidade*. A simultaneidade tratada pelo autor refere-se a nossa possibilidade de vivenciar historicamente um fato de forma instantânea, mesmo que esse acontecimento esteja distante da nossa possibilidade local. A comunicação via *internet* agilizou a difusão do conhecimento. Por outro lado, esse mesmo acontecimento histórico, pensando na cultura, tem uma materialidade cronológica diferente, pois o conhecimento humano foi até então organizado pelos períodos temporais de acontecimento. De acordo com Castells (1999), o hipertexto permite uma navegação de acordo com o desejo de navegação do leitor, fazendo com que os dados históricos armazenados na rede fiquem organizados *em sequências temporais condicionadas ao contexto social de sua utilização* (p. 487), consequência da intemporalidade. Isso é muito importante, pois cada sujeito navega na *internet* do seu modo, ficando o conhecimento transferido à esfera individual de construção de significados e entendimentos dos fatos que acontecem no mundo.

### **1.3 - Segundo nó**

*Todos os meios agem sobre nós de modo total. Eles são tão penetrantes que suas consequências pessoais, políticas, econômicas, estéticas, psicológicas, morais, éticas e sociais não deixam qualquer fração de nós mesmos inatingida, intocada ou inalterada. O meio é a massa-agem. Toda compreensão das mudanças sociais e culturais é impossível sem o conhecimento do modo de atuar dos meios como meio ambiente (McLuan, 1969, p. 54).*

A inserção de uma tecnologia na sociedade age sobre nós, exerce a massa-agem descrita anteriormente, que, ao meu ver, significa tanto um modo de agir das massas quanto um movimento de pressão para elas entrarem no ritmo novo. E a entrada nesse ritmo novo as coloca às vezes em posições de conflito, por vezes no papel de incrédulos acerca de determinados paradigmas, ou confiantes nas novas possibilidades apresentadas. Não se pode deixar de considerar o impacto que uma tecnologia causa no modo de vida daqueles que mantêm certo contato com ela ou fazem conjunturas a respeito dela. Tomo como exemplo o uso da tecnologia do alfabeto e as questões postas por Platão, no que concerne ao desenvolvimento da sociedade e suas transformações, a partir da utilização dessa tecnologia e o seu caráter incrédulo com relação a ela:

*A descoberta do alfabeto criará o esquecimento na alma dos aprendizes, porque não usarão suas memórias, eles confiarão nos caracteres escritos e não se lembrarão de si próprios...e assim não se dá aos discípulos a verdade mas somente a aparência da verdade; serão heróis de muitas coisas, e nada terão aprendido, eles parecerão oniscientes e geralmente nada saberão (Platão, Fedro apud McLuhan, 1969, p.141).*

A partir desse imaginário sobre o aparecimento de uma nova tecnologia, fica a pergunta: o que nos diria Sócrates hoje? Impossível responder a essa questão porque tanto o lugar ocupado por ele no período da sua “profecia” sobre a escrita quanto o lugar ocupado por nós atualmente nos insere num contexto intrínseco às transições e suas alterações no nosso modo de vida. Não podemos negar que a escrita revolucionou o processo comunicativo. Diversas consequências foram surgindo de acordo com as transições “apresentadas” às sociedades, baseadas na cultura da oralidade e na cultura da escrita. Da escrita ideográfica à escrita alfabética, vários foram os suportes inventados: papiro, cerâmica, argila, pergaminho até o papel. A partir da imprensa, o alcance da escrita tomou maiores proporções. Assim, todas essas modificações foram alterando o modo como os sujeitos se relacionavam com essa tecnologia, e devem ter causado, em cada período de inserção, julgamento de valores a seu respeito. É bom ressaltar que a popularização da escrita não deve ser explicada apenas devido aos avanços do suporte textual. Segundo Braga (2005):

para que a comunicação escrita fosse eficiente, era necessário o aparecimento de formas alternativas que suprissem as lacunas deixadas pelos recursos prosódicos e gestuais utilizados na comunicação oral. Parte dessas lacunas foi preenchida pelos recursos gráficos e de diagramação, que passaram a fazer parte da construção e recepção da informação escrita: a pontuação, os recursos gráficos, o uso do espaço em branco marcando o limite existente entre as palavras, as orações e sentenças e também entre as unidades maiores de informação (parágrafo, seções, capítulos) (Braga, 2005, p. 756).

Essas tecnologias, ora na escrita, ora da escrita, relacionam-se hoje com a rede. E com isso nossa capacidade de “acomodação” de determinadas práticas também foram modificadas. Da Roda de Leitura de Ramelli<sup>1</sup> (1588) ao Memex (1945) foram necessários 357 anos; a partir de então, foram necessários pouco mais de duas décadas para a criação daquilo que hoje denominamos de *internet*. Porém, foi na década de 90, com a criação da linguagem HTML (*Hypertext Markup Language*) que o hipertexto passou a ser amplamente utilizado. O hipertexto “massageou” a escrita e todas as suas implicações e relações com a leitura. Pensar sobre as leituras possíveis no hipertexto, influenciadas pelo acesso a um número ilimitado de informações e todas suas consequências no desenvolvimento da escrita, são questões que não podemos prever. Com isso, acredito que tanto a leitura no contexto digital quanto a escrita ainda precisam ser estudadas, pois poucas são as pesquisas relacionadas aos modos de ler na tela, conforme levantamento empírico descrito no item “Fazendo um *download* da produção acadêmica sobre *internet*”

#### **1.4 - Conectando os nós**

Tecnologia, rede, escrita, leitura, paradigmas: abordagens presentes nesta apresentação de forma proposital. Diante de tantas possibilidades de conexão, de análise, de discussão e reflexão, chegou o momento de iniciar a conexão dos nós, justificando e delimitando com mais clareza o problema da pesquisa. As razões pelas quais acredito estar estudando este tema possuem relevância na totalidade deste trabalho, pois o meu lugar de pesquisadora, mesmo tentando não ser, foi influenciado pela minha visão de mundo. Sobre esse modo de ver dos

---

<sup>1</sup> Ver DIAS (1999, p. 270).

pesquisadores, Lüdke aponta que:

a sua visão de mundo, os pontos de partida, os fundamentos para a compreensão e explicação desse mundo irão influenciar a maneira como ele propõe suas pesquisas, ou, em outras palavras, os pressupostos que orientam seu pensamento vão também nortear sua abordagem de pesquisa (Lüdke, 2007, p. 03).

Há 12 anos o computador e a *internet* se fazem intensamente presentes em minha vida e em meu núcleo familiar. Ao começar cursar o ensino técnico de processamento de dados, numa escola estadual do município de Nova Lima, meu pai me presenteou com um computador. Foi a partir de então que muitas mudanças aconteceram na minha família. Eu e meu irmão temos uma diferença de 06 anos de idade, portanto, quando eu ganhei o computador, aos 14, ele tinha 08 anos. Em casa, sempre tivemos o hábito de compartilhar nossas experiências; então, o que eu aprendia na escola, eu passava para o meu irmão. Meu irmão se tornou, a partir de então, um autodidata. Passava noites e noites na *internet*, participando de fóruns e grupos de discussão. Pesquisava sites, manuais e programas. Aos 14-15 anos, ele escrevia tutoriais para revistas de informática, e foram muitas as publicações. Nesse período, ele testava softwares para empresas, além de dar manutenção e montar equipamentos eletrônicos. Posteriormente, graduou-se e hoje trabalha nessa área.

Pela *internet* eu fiz várias amizades, conheci pessoas de outros lugares, visitei museus, cidades, exposições, programei viagens e aprendi algumas técnicas na produção e na edição de vídeos e imagens, tudo virtualmente. Também na *internet* minha mãe consulta processos jurídicos, paga as contas, confere extratos bancários, acompanha diariamente o noticiário,

busca receitas, etc. O mesmo ocorre com meu pai, que utiliza a *internet* e o computador não só em casa mas também no seu trabalho.

Durante os cinco anos em que trabalhei em uma escola de ensino médio da Rede Estadual de Ensino, localizada no município de Raposos, algumas das contribuições que pude dar foram relacionadas às questões das possibilidades de aliar o computador e a *internet* no processo de ensino e aprendizagem. Durante a graduação, eu fiz algumas leituras relacionando a informática à educação; identifiquei-me com as discussões e por isso, creio eu, estou aqui no mestrado ainda tratando deste assunto.

As dificuldades percebidas nestes cinco anos em que trabalhei nessa escola foram muitas. No caso da Rede Estadual de Ensino, as escolas estão equipadas com computadores em rede, mas muitos processos pedagógicos e administrativos continuam sendo feitos manualmente pelo “medo” das “novas” tecnologias. O laboratório acaba sendo sucateado pela falta de uso; os equipamentos são roubados ou danificados, pois não há um monitoramento dos alunos às visitas esporádicas ao laboratório. Porém, é perceptível o interesse dos jovens e adultos que frequentam a escola no interesse em utilizar o laboratório de informática.

No campo acadêmico, a produção do conhecimento relacionado a este tema ainda é incipiente. Dessa forma, este trabalho tentará iniciar esse desafio de relacionar vários campos do conhecimento, com caráter exploratório de nosso objeto, tomando como referencial teórico os estudos sobre educação, linguagem e ciência da informação.

A proposta inicial desta pesquisa era analisar “as funções e os usos da leitura na tela” para sujeitos das “classes populares”, na tentativa de compreender o papel da “inclusão digital” na vida desse grupo. Durante o período de “incubação” do projeto, várias questões foram sendo levantadas e me fizeram repensar o problema da pesquisa. Primeiro, a questão do

tempo. Nas observações exploratórias do campo, percebi que o modo como gostaria de pesquisar sobre a leitura na tela não seria possível no tempo do mestrado, isto porque eu precisaria de um tempo muito maior para me aproximar e conviver com os sujeitos da pesquisa. Segundo, porque eu precisaria amadurecer as possíveis consequências de trabalhar com classes populares na utilização de uma tecnologia, digamos, “nova”. E terceiro, porque meu pressuposto inicial de dicotomizar os sujeitos em grupos de excluídos e incluídos foi “sendo cortado” ao longo das orientações. A partir dessas reconsiderações apresentadas, foi necessário repensar o problema e adaptá-lo às novas oportunidades apontadas pelo campo. De acordo com Lüdke:

o que cada pessoa seleciona para “ver” depende muito de sua história pessoal e principalmente de sua bagagem cultural. Assim, o tipo de formação de cada pessoa, o grupo social a que pertence, suas aptidões e predileções fazem com que sua atenção se concentre em determinados aspectos da realidade, desviando-se de outros (Lüdke, 2007, p.25).

A proposta inicial era trabalharmos com jovens, porém, a entrada no campo praticamente nos obrigou a considerar a possibilidade de também pesquisar um grupo de pessoas na “terceira idade”, como se verá posteriormente. Dessa forma, direcionamos nosso trabalho a partir de três perguntas:

- Como se dá o acesso destes sujeitos, jovens e “idosos”, à tecnologia?
- Que práticas de letramentos estão envolvidas nesse processo?
- Como os sujeitos se apropriam do espaço virtual?

Por apropriação, estamos considerando:

(...) a capacidade de tomar para si, de assimilar e, ampliando um pouco mais esta concepção, de compreender e transformar, estabelecendo quais os usos o objeto apropriado pode ter e quais os efeitos que este uso acarretará para si e para o grupo. É um movimento que acontece em um processo dinâmico, que pode envolver momentos de adaptação e reinvenção de significados (Rodríguez, 2006, p. 38).

Neste trabalho, não tenho a intenção de trazer respostas à essas perguntas. Se sua contribuição auxiliar no campo das reflexões sobre o tema, acredito que já estará colaborando, de certo modo, ao seu tempo de pertencimento. Especificamente, são objetivos desta dissertação:

- Analisar as práticas de acesso e utilização do Centro Vocacional Tecnológico e das *Lan House*;
- Analisar a participação dos sujeitos frequentadores do Centro Vocacional Tecnológico no site de relacionamento *Orkut*;
- Mapear as redes de interações desses sujeitos, mediadas pela *internet*, e suas repercussões nos processos de construção das suas identidades;
- Mapear os espaços de acesso a WEB no município de Nova Lima.

Tomei como opção metodológica não estabelecer um estudo comparativo entre os grupos

etários, pois cada um, a seu modo, apresentou ora particularidades, ora aspectos comuns, no modo de interação entre eles e a rede, além de não ser esse o objetivo desta pesquisa. Outra opção relacionada ao “como fazer” foi definida a partir da busca de outros trabalhos que, de algum modo, têm relação com a temática deste estudo. Apresento, pois, no próximo capítulo, uma síntese das produções acadêmicas selecionadas.

## 2.0 - FAZENDO UM DOWNLOAD DA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE INTERNET

A revisão das dissertações e teses que serão apresentadas em seguida serviu, primeiramente, para me situar no campo das produções acadêmicas, principalmente no que se referia ao objeto e metodologia de pesquisa utilizados. Conhecer o que foi e em que condições foi produzido, como e quem foi pesquisado é um passo importante para delimitar o objeto de pesquisa. Depois de se estruturar o que foi produzido na última década, demos o pontapé inicial neste trabalho. Esse processo se deu na tentativa de

elaborar um conjunto estruturado de conhecimentos que nos permita compreender em profundidade aquilo que, à primeira vista, o mundo das coisas e dos homens nos revela nebulosamente ou sob uma aparência caótica (Gatti, 2002, p. 10).

Este trabalho é resultado de uma busca realizada nos meses de abril e maio de 2008 no banco de teses e dissertações das Universidades Federais do Brasil. Em muitas delas, o resumo disponível não permitia o entendimento da pesquisa realizada, então muitos autores, a meu pedido, me enviaram as teses e as dissertações por e-mail. Este processo de “encontro” com os pesquisadores se deu a partir da busca do currículo na plataforma *Lattes*, onde muitos pesquisadores deixam disponível o e-mail para contato. A busca ocorreu a partir das seguintes palavras, combinadas ou não: jovens e *internet*, adolescentes e *internet*, juventude e *internet*, educação e *internet* e novas tecnologias. Foram resenhadas 21 pesquisas, entre dissertações e

teses, que se cruzavam de certa forma com o foco deste trabalho. A pesquisa também permitiu comprovar a atualidade do tema, pois os textos selecionados datam do ano 2000 em diante. Primeiramente foi produzido um quadro contendo a instituição, título, autor, nível: mestrado ou doutorado, ano de defesa, objeto e metodologia utilizada. Posteriormente, um texto sintético-descritivo numa sequência de trabalhos relativos ao desenvolvimento de pesquisas na área educacional que envolve, em algum aspecto, a tecnologia da informação, a sociabilização e a leitura e a escrita na tela. O contexto de busca foi estimulado pela necessidade de tratar das questões metodológicas em pesquisas nessa temática, o que têm se apresentado como um desafio aos pesquisadores desse campo. Segundo Lüdke (2007, p. 1) *para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele.*

As dissertações e as teses encontradas foram divididas em quatro categorias: representação e mídias, os sujeitos em comunidades virtuais, leitura e escrita na tela e jovens na rede. Essas categorias foram pensadas após a análise geral do quadro das produções e fazem referência a grupos de proximidade dos objetos das pesquisas resenhadas. A intenção aqui é demonstrar resumidamente o objetivo de cada pesquisa e a metodologia utilizada e as conclusões apresentadas, situando o leitor no contexto do que já foi produzido sobre o tema. Como algumas pesquisas trazem resultados bem divergentes em relação a certas teorias cristalizadas, irei refletir junto aos autores os resultados encontrados. Ressalto, novamente, que se trata de um texto sintético descritivo das produções acadêmicas.

## **2.1 - Representação social e mídias**

As teses e dissertações apresentadas abaixo foram produzidas, em sua maioria, na Universidade Federal de Minas Gerais e tomam como foco de estudo a juventude. Nesses trabalhos, a metodologia mais utilizada foi a técnica do grupo focal, que consiste, *grasso modo*, numa discussão em grupo onde um moderador, muitas vezes o próprio pesquisador, guia o grupo na troca de experiências, sentimentos, valores e ideias sobre determinados assuntos.

Inst.	Título	Autor	Nível	Ano	Objeto	Metodologia
UFMG	Interações telemáticas: estudo sobre jovens internautas de Belo Horizonte	Maria Beatriz Almeida Sathler Bretas	Tese	2000	- O que procuram e o que expressam os adolescentes de BH nas suas jornadas de navegação no ciberespaço?	- Busca, coleta, análise de 30 páginas pessoais de adolescentes de Belo Horizonte. - Grupo focal com participação de 42 adolescentes, alunos de escolas de ensino fundamental e médio.
UFMG	O adolescente no mundo e o mundo no adolescente: visões de mundo de adolescentes de uma área periférica e de uma área de elite em BH	Fernando de Oliveira Mendonça	Dissertação	2005	Objetivo: identificação e caracterização das visões de adolescentes de origens sociais diferentes, investigando as relações entre o universo sócio-cultural e as representações sociais de mundo. Qual a influência das mídias na sua construção de mundo?	Alunos de 13 a 15 anos de escola pública e particular. Questionário: função de identificar nos dados pessoais e familiares dos adolescentes as influências de suas famílias, das mídias. Carta associativa: identificar e analisar as representações sociais de mundo dos adolescentes. Entrevistas: com o objetivo de verticalizar, relacionando o questionário com a carta associativa. Foram feitas 05 visitas à turma.
UFMG	Informação, comunicação e sociabilidade via <i>internet</i> : um estudo das interações no ciberespaço entre membros do movimento escoteiro	Adriana Bogliolo Sirihal Duarte	Tese	2005	Analisar de que maneira o uso da <i>Internet</i> vem influenciando a comunicação, a transferência de informação e a sociabilidade nas diferentes esferas do Movimento Escoteiro na Região Metropolitana de Belo Horizonte.	Avaliação de <i>sites</i> produzidos por Grupos Escoteiros, aplicação de questionário a escoteiros de onze Grupos Escoteiros da RMBH, análise das mensagens eletrônicas postadas em lista de discussões oficial do Distrito Escoteiro Metropolitano e utilização da técnica de grupos focais, nos quais escoteiros debateram as principais questões a serem investigadas.

UFSC	Lazer e mídia em culturas juvenis: uma abordagem da vida cotidiana	Cássia Hack	Dissertação	2005	Esta investigação teve como propósito principal analisar a presença, importância e desdobramentos do discurso midiático em relação ao lazer em culturas juvenis.	Adotou-se em sequência Questionário (para construir um perfil) Entrevistas semi-estruturadas em grupos focais.
------	--	-------------	-------------	------	--	--

Quadro 1 – Teses e Dissertações sobre representação social e mídias

Nesse grupo de pesquisas, o foco está na representação que os indivíduos fazem deles próprios enquanto sujeitos que sofrem a ação da mídia. Na pesquisa realizada por Bretas (2000), *Interações telemáticas: estudos sobre jovens internautas de Belo Horizonte*, buscou-se compreender como os adolescentes, através de suas práticas de busca de informação e comunicação, exploram o ciberespaço, em termos de apreensão do local e do global e como, a partir dessas buscas, incorporam temáticas pertencentes ao cotidiano, como família, escola e amigos. A autora analisou 30 páginas pessoais de adolescentes de Belo Horizonte e realizou o grupo focal com 42 adolescentes alunos da rede pública de ensino fundamental e médio. A autora chegou à conclusão de que a vida fora e dentro das telas dos computadores responde a questões comuns, incluindo as relações com a família, com os amigos e com a escola; o que mais define os usos dos jovens são as manifestações dos desejos de interação com os outros. Os resultados propostos pela autora dizem que os discursos produzidos no contexto virtual e real são muito próximos, porém o que outros autores demonstram é que:

en *internet* todo el mundo tiene la oportunidad de experimentar con diferentes facetas de su personalidad, o con tipos de relaciones diferentes de las que está acostumbrado, y trasladar esta experiencia a la vida cotidiana. Las personas estigmatizadas, por ejemplo, pueden ensayar las

situaciones que desearían em la vida real pero que socialmente tienen barradas. (Mosteo, 2001)<sup>2</sup>

Duarte (2005), no trabalho *Informação, comunicação e sociabilidade via internet: um estudo das interações no ciberespaço entre membros do movimento escoteiro*, analisou a maneira como o uso da *internet* vem influenciando a comunicação, a transferência de informação e a sociabilidade nas diferentes esferas do movimento escoteiro na região metropolitana de Belo Horizonte. Duarte analisou as mensagens eletrônicas postadas nas listas de discussão oficial do Distrito Escoteiro Metropolitano e aplicou a técnica do grupo focal onde os escoteiros debateram as principais questões a serem investigadas. Pela análise dos sites dos escoteiros de Belo Horizonte, a autora pôde concluir que a *internet* tem sido utilizada para estabelecer novos contatos ou manter relações sociais já existentes. Além da sociabilização, identificou-se que a rede era utilizada para a transmissão de informação e colaboração da preservação e da unidade do movimento e divulgação dos seus objetivos.

Hack (2005), no estudo *Lazer e mídia em culturas juvenis: uma abordagem da vida cotidiana*, analisou a presença, a importância e os desdobramentos do discurso midiático em relação ao lazer em culturas juvenis. A autora aplicou questionários e realizou entrevistas semi-estruturadas em grupo focal com jovens com idade entre 15 e 21 anos. A autora concluiu que, entre as mídias, a televisiva ocupa maior espaço na vida diária dos jovens. Sua leitura midiática destaca a presença de uma estereotipização da juventude, na medida em que classifica todos os jovens como iguais, desconsiderando sua etnia, gênero, classe, etc.

---

<sup>22</sup> Revista digital – não possui número de página.

Mendonça (2005), no estudo *O adolescente no mundo e o mundo do adolescente: visões de mundo de adolescentes de uma área periférica de uma elite de Belo Horizonte*, buscou identificar e caracterizar a visão de adolescentes de origens sociais diferentes em relação à percepção de mundo. Investigou as relações entre o universo sócio-cultural e as representações sociais de mundo por meio da pergunta: qual a influência das mídias na sua construção de mundo? O *corpus* da pesquisa foi constituído por adolescentes de 13 a 15 anos das escolas da rede pública e particular de ensino. A metodologia utilizada foi a aplicação de questionários e entrevistas. A pesquisa ressaltou duas diferenças de uso da *internet* quanto à classe social e quanto ao gênero. Na escola da rede pública de um bairro popular, 88 % dos adolescentes não têm acesso a computador e 92% são excluídos do acesso a *internet*. Na escola da rede pública de um bairro da classe média alta, todos os adolescentes declararam ter computador e *internet* em casa e 16% destes frequentam *lan house* para jogar no computador e pela *internet*. Quanto ao gênero, o autor chegou à conclusão de que os assuntos que interessam aos meninos são as notícias sobre esporte e às meninas, as músicas. Essas pesquisas atravessam um dos questionamentos que faço com relação ao que mobiliza jovens das classes populares a procurarem locais públicos de acesso a *internet*. O que significa ter acesso a tecnologia digital para jovens com baixas condições socioeconômicas? Mesmo que a representação desse universo que usa o Centro Vocacional Tecnológico seja pequena, considero importante analisar esse movimento em torno do acesso digital das classes populares.

## **2.2 - Os sujeitos em comunidades virtuais**

Os três trabalhos apresentados a seguir possuem como ponto comum o fato de os três terem privilegiado como local de desenvolvimento das pesquisas comunidades virtuais; foram analisados: salas de bate papo, uma comunidade virtual de turismo, *Orkut* e jogos virtuais.

INST.	TÍTULO	AUTOR	NÍVEL	ANO	OBJETO	METODOLOGIA
UFRS	Planeta Terra – cidade Porto Alegre: uma etnografia entre internautas	Jonatas Dornellas	Dissertação	2003	Investigação da sociabilidade presente no chat para compreender de que maneira são afeitas a interação social, a concepção de cotidiano, de tempo e de espaço, as novas formas de linguagem e as performances. Objetivo central: etnografar o ciberespaço identificado com a cidade de Porto Alegre.	Metodologia utilizada é a experiência etnográfica. Foi feito um acompanhamento diário e sistemático do chat “porto alegre”. Feita uma observação da sociabilidade pelas mensagens escritas no momento online e no momento face a face foi feita observação participante e entrevista semi estruturada nos momentos em que o grupo se reunia. Os que não se sentiram à vontade para fazer a entrevista face a face, fizeram-na através do chat e do ICQ.
UERJ	Comunicação e interação on line como nova forma de sociabilidade: analisando uma comunidade virtual de turismo	Renata Francisco Baldanza	Dissertação	2007	Analisar a formação de comunidades virtuais como meio de um indivíduo interagir dentro de um grupo, possibilitando sua interação e socialização no ambiente virtual, abordando questões como pertencimento, cooperação e conflitos.	Pesquisa da comunidade mochileiros.br. Primeiramente foi realizada uma observação oculta da troca de mensagens entre os membros da comunidade. Nessa observação foi feito um roteiro com algumas categorias para auxílio da observação. Posteriormente foram realizadas entrevistas online através de chats e os dados foram analisados através de algumas técnicas da análise do discurso.
UFRS	Vida na rede: uma análise antropológica da virtualidade	Jonatas Dornellas	Tese	2008	Como os indivíduos contemporâneos lidam com o trânsito regular entre as dimensões do <i>online</i> e do <i>offline</i> e como suas vidas são afetadas pela alternância espacial e temporal diferentes de comunicação e de interação social. Espaços: <i>lan house</i> , <i>Orkut</i> e jogos virtuais.	Etnografia e entrevistas

Quadro 2 – Teses e Dissertações sobre os sujeitos em comunidades virtuais

Como pretendendo conhecer a cultura presente no Centro Vocacional Tecnológico e nas *Lan house* e, se possível, nas comunidades virtuais frequentadas por jovens e idosos, as pesquisas desse grupo ajudaram a construir a metodologia desta pesquisa. A pesquisadora Baldanza (2007), no estudo *Comunicação e interação online como nova forma de sociabilidade: analisando uma comunidade virtual de turismo*, analisou a formação de comunidades virtuais como meio de um indivíduo interagir dentro de um grupo, mediante sua interação e socialização, abordando questões como pertencimento, cooperação e conflitos. Baldanza pesquisou a comunidade mochileiros.br, primeiramente como observadora oculta das trocas de mensagens e posteriormente por meio de entrevista *online* através de *chat*. Uma das conclusões a que chegou Baldanza é que as comunidades virtuais trazem à tona um processo de interação de sentido duplo, em que as pessoas não somente projetam suas relações de fora para dentro deste ambiente, como também prolongam os laços já adquiridos para fora dessas comunidades.

Dornellas (2003), na dissertação *Planeta Terra – cidade Porto Alegre: uma etnografia entre internautas*, investigou a sociabilidade presente no *chat* para compreender de que maneira são afetadas as interações sociais, a concepção do cotidiano, tempo, espaço e formas de linguagem. A metodologia empregada foi uma observação da sociabilidade pelas mensagens escritas no momento *online* do “*chat porto alegre*” e observação participante no momento em que o grupo se reunia presencialmente. Foram feitas entrevistas no momento *offline* e no *online*. Esse mesmo pesquisador, na sua tese de doutorado, defendida em 2008, *Vida na rede: uma análise antropológica da virtualidade*, deu continuidade à pesquisa anterior e procurou investigar como os indivíduos contemporâneos lidam com o trânsito regular entre as dimensões do *online* e do *offline* e como suas vidas são afetadas pela alternância espacial e temporal, comunicacional e interacional. Os espaços estudados foram a

*lan house*, o *Orkut* e os jogos virtuais. A metodologia utilizada foi a etnografia. O pesquisador, nas suas pesquisas, chegou à conclusão de que os sujeitos contemporâneos podem ter suas vidas marcadas pelas suas ações virtuais. No caso do estudo dos jogos, conclui que o sucesso no ambiente virtual gera ao seu detentor fama real e até a oportunidade de acumular capital. No caso do site de relacionamento, como o *Orkut* e o *Second Life*, constatou que a experiência na plataforma virtual está ligada ao cotidiano do indivíduo. Chega-se à conclusão de que possuir um sujeito virtual torna-se condição necessária para todos aqueles indivíduos que estão ligados a tecnologia. De forma geral, o principal efeito da relação entre realidade e virtualidade é a construção de dependências entre essas duas dimensões com as quais os indivíduos precisam conviver e nas quais precisam transitar. A metodologia empregada por este pesquisador serviu como ponto de partida para pensar a metodologia desta pesquisa, apesar de o autor não ter utilizado na sua dissertação e tese nenhum termo referente à etnografia virtual, questões essas que serão ressaltadas no item “a técnica de pesquisa”.

Alguns questionamentos podem ser feitos a partir dessas pesquisas que transitam entre as comunidades reais e virtuais. Como os sujeitos das classes populares vivem esse trânsito entre o real e o virtual? Que significados a virtualidade tem nas suas vidas? Qual a função da *internet* para essas pessoas? Quais os distanciamentos ou aproximações têm os discursos produzidos pelos sujeitos nas comunidades virtuais e reais?

### **2.3 - Leitura e escrita na tela**

Este grupo, diante da totalidade de trabalhos resenhados, é o grupo com um número maior de trabalhos e todos produzidos na UFMG. São sete dissertações e duas teses cujos

autores pesquisam, em sua maioria, a leitura na *internet*. Neste grupo, apesar de haver uma sintonia com as metodologias utilizadas, cada trabalho empregou um método diferenciado. Dos sete trabalhos, cinco possuem como recurso de coleta de dados a aplicação inicial de um questionário para a realização de entrevistas posteriores.

INST.	TÍTULO	AUTOR	NÍVEL	ANO	OBJETO	METODOLOGIA
UFMG	Leitura na tela: estudo exploratório de práticas de leitura na <i>internet</i>	Luciana Zenha Cordeiro	Dissertação	2001	Esta pesquisa, de natureza exploratória, teve por objetivo descrever e analisar práticas de leitura na <i>internet</i> , tendo como principal quadro de referência estudos de sociologia e história da leitura.	Os dados foram obtidos por meio de questionário disponível num site construído para atender a pesquisa. Foram realizadas entrevistas virtualmente, com oito sujeitos. Utilizou-se o programa Bookmark que monitora o acesso às páginas visitadas pelos sujeitos.
UFMG	Ler na tela: novos suportes para velhas tecnologias	Ana Elisa Ribeiro	Dissertação	2003	A partir da hipótese de que sob condições minimamente ideais de usabilidade e conforto, interfaces inteligentes e eficazes (amigáveis), a qualidade da leitura não sofre piora, este trabalho descreve um experimento com leitores proficientes em leitura de jornais impressos e eletrônicos, letrados (autodidaticamente) em ambas as interfaces,	Ferramentas de análise, a usabilidade e a teoria da relevância, de Sperber & Wilson (1986/95).
UFMG	A influência do uso da <i>internet</i> no processo de letramento de adolescentes	Daniela Perri Bandeira	Dissertação	2003	Objetivo: captar alguns possíveis traços de letramento influenciados pelo uso da <i>internet</i> , não só nas produções digitais de adolescentes, mas também em sua relação com o conhecimento.	Pesquisou adolescentes da 7ª e 8ª séries do ensino fundamental de uma escola particular de BH em momentos de uso livre da <i>internet</i> . Análise quantitativa de questionários e análise qualitativa (entrevista não estruturada) e grupo focal.
UFMG	O uso de links e leitura no ciberespaço: a interação leitor-hipertexto e a construção de sentido.	Pedro Luiz Caetano Filho	Dissertação	2004	Compreender a construção de sentidos através da leitura na tela	Análise das respostas de 23 sujeitos realizadas a partir de perguntas inferenciais no site construído pelo pesquisador.
UFMG	Letramento digital: estudo sobre práticas escolares de leitura e escrita no computador vivenciadas por alunos usuários da rede pública de ensino.	Juliana Silva Glória	Dissertação	2004	Investigar as estratégias das quais os alunos se apropriavam para processar, selecionar recuperar e produzir inferência na tela. Compreender os modos e os comportamentos assumidos pelos alunos ao interagir com o texto digital.	Abordagem etnográfica: observação, gravação em áudio das aulas de informática e questionário.
UFMG	Formas e condições de apropriações da cultura escrita digital por crianças de camadas médias	Mônica Dayse Vieira Araújo	Dissertação	2007	Compreender as formas e as condições de apropriação da cultura escrita digital por crianças das camadas médias.	Foram escolhidas 08 crianças de 07 a 10 anos. Observação de sala de aula, entrevista semiestruturada com a criança, com a mãe, com a professora regente e com a professora de informática. A pesquisa foi

						realizada em uma escola particular de Belo Horizonte.
UFMG	Leitura e escrita de jovens em contextos de RPG	Vivianete Milla de Freitas	Dissertação	2007	O objetivo desta pesquisa é analisar e explicitar como se apresentam as escritas dos adolescentes, quais suas motivações para escrever no contexto de RPG e em quais aspectos estas produções favorecem ou não as práticas de leitura e escrita em situações diversas.	Questionário semiestruturado para a realização de entrevistas. Pesquisa documental em manuais de RPG.
UFMG	Navegar lendo, ler navegando. Aspectos do letramento digital e da leitura de jornais.	Ana Elisa Ribeiro	Tese	2008	Responder a questões relativas às estratégias (e táticas) de leitores pouco letrados, especialmente na leitura de jornais	Questionário Teste de navegação com 23 alunos do curso de enfermagem.
UFMG	Trajetórias de estudantes universitários de meios populares em busca de letramento digital	Daniela Perri Bandeira de Albuquerque	Tese	2009	Investigar que relação mantém com o computador e a <i>internet</i> indivíduos de meios populares ingressantes em instituição de ensino superior que pressupõe alunos com letramento digital prévio.	Pesquisa de caráter longitudinal que contou com observações, questionários e entrevistas.

Quadro 3 – Teses e Dissertações sobre leitura e escrita na tela

Com relação à leitura e à escrita na tela, podemos levantar a hipótese de que a *internet* é um espaço que motiva a produção escrita, seja através de jogos, comunidades virtuais, *blogs* ou em outros espaços próprios do ambiente digital. Araújo (2007), na pesquisa *Formas e condições de apropriações da cultura escrita digital por crianças de camadas médias*, buscou compreender as formas e as condições de apropriação da escrita feita na *internet* por crianças das camadas médias. A pesquisadora realizou observações das aulas de informática da escola e entrevistas semiestruturadas com as crianças, com suas mães, com professores regentes e professora de informática. Chegou-se à conclusão de que as formas de apropriação da cultura escrita digital têm suas especificidades conforme o meio no qual é transmitida e que as práticas de um meio e de outro se entrelaçam, o que a autora denominou de um letramento digital e múltiplo.

Outro estudo realizado por Freitas (2007), *Leitura e escrita de jovens em contextos de RPG*, buscou analisar como se apresentam as escritas dos adolescentes em contexto de RPG e

em quais aspectos essas produções favorecem ou não as práticas de escrita e leitura em situações diversas. A autora fez observação das reuniões de RPG e entrevistas com 06 jogadores. Posteriormente, analisou as produções manuscritas dos jogadores e dos manuais dos jogos. Chegou à conclusão de que o RPG estimula a leitura literária e a produção de texto individual.

Focalizando a leitura, Filho (2004) realizou um estudo intitulado *O uso de links e leitura no ciberespaço: a interação leitor-hipertexto e a construção de sentido*. A pesquisa contou com a participação de 23 indivíduos, que responderam a perguntas inferenciais a partir de um site próprio. Os resultados dos testes mostraram que os *links* encontrados na cadeia anafórica do texto remetem a melhor possibilidade de construção de sentido pelos sujeitos aos *links* distribuídos aleatoriamente pela *homepage*. O autor chega à conclusão de que os *links* presentes num hipertexto devem ser fundamentados em princípios linguísticos. Isso significa que a forma como um *site* é construído pode alterar a interação do leitor com o texto na tela, variando de acordo com as habilidades dos leitores para lerem na tela. Podemos nos perguntar quais habilidades de leitura a tela exige dos sujeitos? Será uma habilidade apenas de saber utilizar *links* ou existem outras questões?

Cordeiro (2001), na pesquisa *Leitura na tela: estudo exploratório de práticas de leitura na internet*, buscou compreender e analisar práticas de leituras na *internet*. A pesquisa percorreu num site desenvolvido pela pesquisadora onde ela monitorava as práticas de leitura dos sujeitos. A autora aponta a *internet* como um espaço que desperta o interesse dos internautas, tanto pelas possibilidades de socialização e pelas práticas comunicativas com várias semioses. Seu trabalho revela também a mudança nos tempos e espaços em que as leituras são realizadas, ou seja, a predominância de um uso doméstico e noturno.

Glória (2004), em *Letramento digital: estudo sobre práticas escolares de leitura e escrita no computador vivenciadas por alunos usuários da rede pública de ensino*, analisou, segundo uma abordagem etnográfica, os modos e comportamentos assumidos por adolescentes de 11 a 17 anos das classes populares ao interagir com o texto digital e as estratégias das quais eles se apropriavam para processar, selecionar, recuperar e produzir inferências na tela. A autora chegou à conclusão de que, dentro do contexto escolar, há mais práticas ligadas à alfabetização digital do que um letramento digital, tendo essas práticas influência fora do contexto escolar.

*Ler na tela: novos suportes para velhas tecnologia*, pesquisa de mestrado realizada por Ribeiro (2003), nos dá algumas pistas sobre o processo de interação entre o leitor e a tela. Pesquisando os jornais impressos e eletrônicos, a autora chega à conclusão de que a construção de sentido na leitura no meio eletrônico passa pelo letramento impresso dos textos, desde que o meio virtual utilize interfaces amigáveis aos leitores. Na sua tese de doutoramento “*Navegar lendo, ler navegando: aspectos do letramento digital e da leitura de jornais*”, Ribeiro (2008) pesquisou como sujeitos pouco letrados leem o jornal impresso e eletrônico. A pesquisadora fez testes de navegação com 23 alunos do primeiro período do curso de Enfermagem de uma instituição particular de Belo Horizonte. A autora chegou à conclusão de que as habilidades para leitura de jornais estão mais ligadas à competência de leitura do que ao suporte em que esta se apresenta.

Bandeira (2003), em *A influência do uso da internet no processo de letramento de adolescentes*, pesquisou adolescentes das 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries do ensino fundamental de uma escola da rede particular de Belo Horizonte em momentos de uso livre da *internet*. O objetivo da pesquisa era captar alguns possíveis traços de letramentos influenciados pelo uso da *internet*,

não só nas produções digitais de adolescentes, mas também na sua relação com o conhecimento. A metodologia utilizada foi análise de questionários, entrevistas semiestruturadas e grupo focal. As considerações apresentadas remetem à influência da língua inglesa no contexto da *internet*, ao *continuum* entre a oralidade e a escrita nos espaços digitais, às mudanças nos processos cognitivos envolvidos na escrita e na leitura dos hipertextos. Dando continuidade ao trabalho, Albuquerque (2009), em sua tese de doutoramento, *Trajetórias de estudantes universitários de meios populares em busca de letramento digital*, a pesquisadora investigou quais as relações mantêm com o computador e com a *internet* sujeitos ingressantes dos meios populares, em instituição de ensino superior. Constatou-se que, embora haja na universidade naturalidade para tratar de assuntos ligados ao letramento digital, a cultura digital ainda é incipiente e reveladora de problemas e dificuldades.

Se o ambiente digital tem-se mostrado um local de motivação para a escrita, qual o papel da leitura neste ambiente? As pesquisas citadas mostraram uma série de fatores que determinam os modos de ler na *internet*: os *links*, a presença de várias semioses, a forte influência da língua inglesa, os gêneros digitais e as interfaces. Que estratégias de leitura utilizam os sujeitos das classes populares? Qual a percepção eles têm dos gêneros digitais?

#### **2.4 - Jovens na rede**

Neste grupo de quatro dissertações e uma tese, os focos das discussões foram os aprendizados, a cidadania, a produção e o consumo de informações mediadas pela tecnologia, principalmente nas camadas populares.

INST.	TÍTULO	AUTOR	NÍVEL	ANO	OBJETO	METODOLOGIA
UFMG	Juventude.com.br: A inclusão/exclusão digital de alunos no ensino noturno	Sheila Alessandra Brasileiro de Menezes	Dissertação	2003	O objetivo desta dissertação foi analisar a inclusão digital dos jovens das camadas sociais desfavorecidas. 1. Como este mundo “cercado” de novas tecnologias tem alterado o perfil da juventude atual? 2. Como essas alterações têm influenciado os jovens que frequentam o ensino noturno? 3. Estariam os jovens do ensino noturno excluídos de propostas educativas pautadas em inovações tecnológicas? 4. Em que estágio das inovações tecnológicas se encontram esses jovens?	Primeiramente foi feita a observação participante para se encontrar os jovens com idade entre 20 e 24 anos. Foi elaborado um questionário, com o objetivo de definir o perfil socioeconômico e cultural dos jovens e mapear as suas percepções sobre as influências das novas tecnologias na sua própria identidade e definir seu perfil socioeconômico e cultural. Após a escolha dos jovens, foram realizadas sessões de grupo focal.
UFMG	Caminhos de aprendizagem via <i>internet</i> : um estudo dos percursos realizados por estudantes adolescentes de Contagem no ciberespaço	Eliane Cristina de Freitas Rocha	Dissertação	2003	O objetivo foi entender como jovens adolescentes se relacionam com o espaço midiático peculiar da <i>internet</i> e com ele aprendem alguma coisa.	Metodologia: Aplicação de questionários (mapeamento do uso). Os escolhidos foram chamados para participar de um grupo de discussão. Foram analisados os sites construídos e acessados pelos adolescentes. Essas análises dos websites visitados buscaram contemplar as temáticas motivadoras dos percursos no ciberespaço e as características técnicas específicas dos websites visitados, para que se pudessem identificar os recursos da rede que os adolescentes normalmente utilizam nas incursões pelo ciberespaço.
UFMG	Os laboratórios de ensino nas escolas estaduais de nível médio de BH	Marco Aurélio Nicolato Peixoto	Dissertação	2003	Analisar qual influência têm exercido na educação os Laboratórios de Ensino, abrangendo estes os Laboratórios de Química, Física e Biologia e também os de informática. A pesquisa visa responder a questões relacionadas com a instalação e o uso dos computadores nas escolas a metodologia utilizada, a influência do uso dessa ferramenta na aprendizagem e na retenção de conhecimentos, do ponto de vista dos alunos e das escolas.	Usou-se uma metodologia híbrida, mesclando-se os modelos qualitativo e quantitativo. Como estratégia, foram utilizadas 5 frentes distintas: a análise de documentos fornecidos por órgãos do governo do estado de Minas Gerais, a observação direta nas escolas, questionários dirigidos aos alunos e professores, aliados a entrevista com esses últimos e, por fim, entrevista semiestruturada com os diretores.
UFMG	Rede Jovem: um lugar de comunicação e sociabilidade	Edison Gomes	Dissertação	2004	Objetivo: investigar em que medida a participação no projeto Rede Jovem de cidadania pode vir a promover o acesso efetivo de um grupo de jovens a cidadania.	Observação participante Entrevista participante Análise da fita T20
USP	Por detrás da inclusão digital: uma reflexão sobre o consumo e a produção de informações em	Mariana Reis Balboni	Tese	2007	A presença da <i>internet</i> por meio de centros públicos de acesso tem potencial de gerar mudanças no cotidiano de comunidades	Estudo exploratório qualitativo, baseado em análise de documentos, entrevistas e análise de conteúdo. Foram investigados

	centros públicos de acesso a <i>internet</i> no Brasil				excluídas, especialmente sob os pontos de vista da produção e consumo de informação, do desenvolvimento social, político e econômico e dos investimentos públicos e privados no setor?	03 programas públicos de inclusão digital: Digitando o Futuro, Acesso São Paulo e Telecentros Porto Alegre. Foram realizadas entrevistas com os coordenadores, monitores e mentores. De cada programa, foi escolhida 01 unidade onde foi feita uma pesquisa de campo etnográfica. Compararam-se as respostas obtidas inferindo sobre possíveis mudanças no padrão de consumo e produção de informação nas comunidades excluídas.
--	--	--	--	--	--	--

Quadro 4 – Teses e Dissertações sobre jovens na rede

O estudo realizado por Menezes (2003), *Juventude.com.br: a inclusão/exclusão digital de alunos do ensino noturno*, analisou a *inclusão digital* dos jovens das classes sociais desfavorecidas. Como os jovens que frequentam o ensino noturno são influenciados pelas novas tecnologias? Em que estágio das inovações tecnológicas se encontram esses jovens? A pesquisa foi realizada com jovens que frequentam o ensino noturno de duas escolas da rede municipal de ensino de Belo Horizonte. Esses jovens foram escolhidos por meio de uma observação participante. A metodologia utilizada foi a técnica do grupo focal. A pesquisa permitiu concluir que os alunos do noturno não têm acesso às novas tecnologias nas instituições escolares, pois esses espaços mostraram-se despreparados para enfrentar os desafios impostos pela entrada da tecnologia na escola.

Em Peixoto (2003), a partir do estudo denominado *Os laboratórios de ensino nas escolas estaduais de nível médio de Belo Horizonte*, foram pesquisados os laboratórios de Química, Física, Biologia e Informática. Com relação ao laboratório de informática, o pesquisador verificou a influência do uso do computador na aprendizagem e na retenção do conhecimento, do ponto de vista dos alunos e da escola. Foi realizada a análise de documentos fornecidos pelo Governo do Estado de Minas Gerais, observação direta nas escolas, aplicação

de questionários aos alunos e professores e entrevistas semiestruturadas com os diretores. A pesquisa indica que os computadores foram instalados em ambientes adequados e se encontravam em condições de operação, mas eram pouco ou nada utilizados, servindo mais como ferramenta gráfica na formatação de pesquisas, sem acesso a *internet*.

Gomes (2004), na sua pesquisa *Rede Jovem: um lugar de comunicação e sociabilidade*, chegou à conclusão de que o uso da *internet* ou da informática pelos adolescentes constituiu um modo de eles se apropriarem de um novo conhecimento, escapando, de certa forma, da exclusão digital. Por meio da observação e da entrevista participante, Gomes investigou integrantes do projeto Rede Jovem de Cidadania, sendo a maioria pertencente à periferia de Belo Horizonte. Foi feita uma análise da experiência cultural dos jovens, no sentido de aprimoramento de seus conhecimentos pela apropriação dos meios de comunicação. O objetivo foi investigar em que medida a participação no projeto pode promover o acesso dos jovens a cidadania. Essa pesquisa mostra que um projeto estruturado pode possibilitar a um grupo sua integração a cidadania, porém seu foco estava no projeto rede jovem, e a análise se deu por meio de um estudo de uma das fitas do programa.

Balboni (2007), em *Por detrás da inclusão digital: uma reflexão sobre o consumo e a produção de informações em centros públicos de acesso a internet no Brasil*, situa a sua tese nas questões relacionadas à inclusão e exclusão à informação. Baseada na hipótese de que o simples acesso a rede não garante que a informação seja processada, assimilada e que se transforme em conhecimento pela população de baixa renda, o trabalho contribui para o entendimento da historicização do desenvolvimento das iniciativas de “inclusão digital” no país. A pesquisadora focou seus estudos em centros públicos de acesso operados pelo governo federal. O objetivo do trabalho é conhecer e analisar o impacto da *internet* no consumo e na

produção da informação em centros de acessos públicos no Brasil. Foi realizado um estudo exploratório baseado na análise de documentos, entrevistas em profundidade com usuários, monitores, coordenadores de cada programa e mentores. Foram investigados três programas públicos de inclusão digital, localizados em São Paulo, Curitiba e Porto Alegre. O trabalho indica que não se pode perceber uma produção efetiva de conteúdos por parte de usuários de centros públicos; nestes espaços os sujeitos possuem um contato, mas não dispõem de mecanismos que garantam uma inclusão efetiva, devido às dificuldades de uso do computador e da *internet* pelos cidadãos de baixa renda. Apesar de a autora concluir que não existe uma inclusão efetiva, o foco do trabalho, apesar de próximo desta pesquisa pela temática, não leva em consideração a análise dos espaços frequentados por esses sujeitos e a questão das habilidades da leitura na tela, que devem, de alguma forma, influenciar nos usos e apropriações desses espaços.

Na pesquisa feita por Rocha (2003), em *Caminhos de aprendizagem via internet: um estudo dos percursos realizados por estudantes adolescentes de Contagem no ciberespaço*, parte da problemática de como os estudantes adolescentes, participantes de um espaço de aprendizagem formal, podem aprender no espaço mediático e de que maneira a relação entre os espaços de aprendizagem pode ser conflituosa ou complementar? A pesquisa investigou o uso dos recursos oferecidos pela *internet* pelos estudantes adolescentes em quatro escolas, duas da rede pública de ensino e duas da rede particular. Os adolescentes foram contatados em escolas localizadas no município de Contagem, nas regiões da Sede, Eldorado e Parque Industrial do Riacho. Tais regiões apresentam contrastes entre si, mas concentram a maior renda da população do município. A maior parte dos estudantes pesquisados foi do sexo feminino (61%). Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos de acordo com os seguintes critérios:

- \*Alta frequência de uso da rede;
- \*Posse de computador em casa;
- \*Indicação de websites construídos pelo estudante (opcional);
- \*Indicação de uso especializado da *internet*.

Primeiramente foi realizada uma pesquisa quantitativa para identificar a importância dos meios de comunicação e da *internet* na vida dos adolescentes estudantes pesquisados. Nessa etapa, foi levantado que os jovens fazem uso da televisão com propósitos de entretenimento e os computadores são utilizados como ferramenta para atividades escolares. O uso da *internet* estava ligado a atividades de pesquisa escolar e comunicação síncrona<sup>3</sup> e assíncrona<sup>4</sup>, o que sinaliza a importância da conectividade entre pessoas propiciada pela rede. Posteriormente, qualitativamente foi investigado como os jovens usuários mais assíduos da rede usavam os recursos da *web*. Nessa etapa, verificou-se que a *internet* é um importante instrumento de contato (conectividade). A aprendizagem dos recursos da rede caracterizou-se como essencialmente tácita, prática e limitada, pois nem todos os adolescentes dominam todas as ferramentas informáticas, adquirindo este domínio somente quando este se faz necessário. Dentre algumas conclusões apresentadas, ficou claro que os jovens ganham acesso a informações de conteúdo e formato variados e ampliam sua rede de relacionamentos pessoais, porém a pesquisadora pontua que a sociedade da informação está produzindo um sujeito processador de informações ou selecionador de informações prontas, o que não levaria ao desenvolvimento de um sujeito interpretante e criador. O principal ganho dos adolescentes na *internet* parece estar associado à conectividade propiciada pela rede com seus pares.

---

<sup>3</sup> Comunicação síncrona, entendida como aquela que é realizada simultaneamente, em tempo real

<sup>4</sup> Comunicação assíncrona diz respeito à interação que ocorre entre as pessoas de forma temporalmente diferida.

Em síntese, as pesquisas apontam que a vida fora e dentro das telas parece responder, na maior parte das vezes, a questões comuns, do cotidiano dos sujeitos. A formação de comunidades virtuais reforça os laços de comunicação e sociabilização dentro e fora das telas, pois a *internet* se apresenta como um canal de comunicação no estabelecimento de velhos e novos relacionamentos. Além da questão do gênero, o pertencimento social diferencia as práticas de escrita da *internet*, que muitas vezes podem se aproximar ou se distanciar de práticas de escrita manuscrita. Com relação à leitura na tela, os trabalhos indicam que, para favorecer a leitura na tela, é importante que a organização dos blocos de texto seja fundamentada em princípios linguísticos juntamente com uma interface amigável aos usuários. Essa informação complementa a pesquisa de Ribeiro (2008), quando aponta que a habilidade de leitura de jornais está mais ligada às competências de leitura dos sujeitos do que ao fato de o jornal se apresentar no suporte impresso ou digital. Pois se a leitura na tela está ligada à competência de leitura dos sujeitos, interfaces amigáveis podem facilitar a leitura.

Outro ponto avaliado nos trabalhos anteriores foi relacionado à tecnologia na escola. As escolas, apesar de possuírem laboratórios de informática, não sabem incluir as tecnologias nas suas práticas escolares, utilizando os computadores apenas como editores de texto. Por outro lado, apontam que, em contexto não-escolar, dentro de um programa de formação cidadã, a *internet* se torna uma ferramenta para a apropriação de novos saberes. Porém, os centros públicos de acesso não garantem um acesso efetivo quando os sujeitos não possuem conhecimento de informática suficiente para manipularem a tecnologia.

A leitura e síntese desses trabalhos foi um exercício para uma pesquisadora iniciante, recém-graduada, com pouca experiência em trabalhos de pesquisa. Essa inserção nas práticas e gêneros acadêmicos trouxe, também, muitos aprendizados, vivenciados sempre com muita

expectativa. A metodologia desta pesquisa se deu, pois, a partir desse esforço de conhecer um pouco dos trabalhos de outros pesquisadores. Apresento, no próximo capítulo, as redes deste trabalho, os passos, as opções, os sujeitos, os locais e como eu fui me inserindo nesse lugar de pesquisadora.

### **3.0 - TECENDO REDES**

Para facilitar o entendimento de como o trabalho foi sendo desenhado, dividi o texto em “duas trilhas” para que o leitor tenha a possibilidade de, posteriormente, percebê-lo como um todo. Apesar de haver essa “divisão didática”, as duas trilhas foram seguidas ao mesmo tempo e organizadas a partir do encontro com os sujeitos no Centro Vocacional Tecnológico e no *Orkut*.

#### **3.1 - Uma trilha pela estrada real**

Esta trilha se iniciou no Centro Vocacional Tecnológico, que, a partir de agora, denominarei de CVT. Constitui-se em um centro voltado para a capacitação tecnológica da população de Nova Lima. Posteriormente tratarei com mais detalhe sobre a proposta desta instituição. No CVT, estabeleci diferentes níveis relacionais com os sujeitos durante o trabalho de pesquisa, ocupando diferentes papéis em função do tempo de permanência no campo. Da data de entrada, 27/11/2008 até 09/02/2009, ocupei um papel de observadora. Neste lugar de pesquisadora-observadora, Lüdke e André nos advertem que:

o pesquisador depara ainda com uma série de decisões quanto ao seu grau de participação no trabalho, quanto à explicitação do seu papel e dos propósitos da pesquisa junto aos sujeitos e quanto à forma da sua inserção na realidade (Lüdke, 2007, p. 27).

Este papel de observadora se fixou inicialmente no lugar de estagiária do CVT. Neste lugar, pude ter uma melhor recepção no espaço institucional, mas acabou por delimitar meu acesso aos usuários, pois tive meu lugar deslocado para a função de “fiscal” das turmas. Nesse sentido, nos meses em que fui apenas observadora, a coleta de dados se baseou mais nos conhecimentos relacionados às práticas, rotinas, usos, apropriações que aconteciam no local. Foi neste período que captamos alguns traços corporais do contato dos sujeitos com a tecnologia, a dinâmica de funcionamento do CVT, as reações e posturas dos sujeitos frente ao computador e às vezes na *internet*. O acesso aos materiais, fichas, relatórios, vídeos institucionais e aos próprios funcionários também foram mais auspiciosos nesse período.

Porém, para a continuidade da pesquisa, o meu lugar dentro do CVT precisava ser alterado para que uma proximidade maior fosse conquistada junto aos sujeitos. Para sair do lugar de observadora e observadora ligada à instituição, era preciso dizer a respeito da minha proposta de trabalho e do meu lugar dentro da universidade, além do meu interesse naquele espaço. Havia chegado o momento de ter um contato mais próximo com os sujeitos da pesquisa, mas, para isso, foi preciso vencer alguns obstáculos.

A percepção de que um CVT fosse prioritariamente frequentado por jovens foi desconstruída ao longo desta primeira etapa de observação. Além dos jovens, encontramos muitos adultos e idosos utilizando o espaço, seja para qualificação profissional, para aprender a utilizar o computador ou para acessar a *internet*. Muitas fichas cadastrais não descreviam as idades das pessoas. Nesta primeira fase, todos foram observados, independente da faixa etária determinada inicialmente no projeto de pesquisa. O CVT funcionava em um horário ampliado: das 08h às 20h e em duas salas. Eram duas salas denominadas pela instituição: “inclusão digital 1” e “inclusão digital 2” para serem visitadas em um espaço amplo de tempo.

Foi preciso delimitar minha visita aos horários oportunos para encontrar os sujeitos que respeitassem as características desenhadas no projeto de pesquisa. Para cercar essas questões, foi pensado um questionário, o qual teve os seguintes objetivos:

- Deslocar meu lugar de “observadora” para “observadora participante”<sup>5</sup>;
- Conhecer como um todo o público frequentado pelo CVT;
- Mapear os sujeitos na rede virtual.

A aplicação dos questionários aconteceu no período de 13 a 17 de fevereiro de 2009 e no período entre 02 e 06 de março de 2009. O intervalo ocorreu devido ao recesso de carnaval.

Paralelo a esse percurso, ocorreram, também, visitas aos espaços conhecidos por *Lan House*, também em Nova Lima, com o objetivo de traçar um mapa da distribuição dos espaços de acesso a *internet* no município. Foram dias de andanças pelos bairros em busca desses locais, pois a prefeitura não se dispôs a me liberar a relação de espaços legalizados no município. Este trabalho de mapeamento das *lan house* foi muito rico no sentido de identificar que esses espaços possuem apropriações diferentes com relação aos centros públicos de acesso a *internet* e diferentes entre eles próprios (essas diferenças serão apresentadas oportunamente no capítulo 5).

### **3.2 - Uma trilha pela estrada virtual**

---

<sup>5</sup> De acordo com Lüdke e André (2007), o observador participante revela aos sujeitos seus objetivos de pesquisa e solicita cooperação ao grupo. No meu caso, não detalhei o que estava sendo pesquisado, apenas explicitiei de modo geral meu assunto de pesquisa junto ao grupo.

O encontro com os “sujeitos virtuais” veio da aplicação dos questionários no CVT. Através dos e-mails deixados nos questionários, pude buscar os usuários que tinham um perfil público na rede do *Orkut*. Através dos dados dos questionários, eu cadastrei numa conta do gmail todos os contatos que frequentavam o CVT. A partir dessa inclusão no gmail, eu poderia encontrar, pelo próprio e-mail, todos os contatos que tivessem um perfil público na rede de relacionamento do *Orkut*. Dentre as pessoas que frequentam o CVT, eu consegui captar para minha rede de amigos 35 pessoas, sendo 07 funcionários e 28 usuários. Esse contato virtual permitiu conhecer as 35 descrições dos perfis dos usuários, as comunidades virtuais a que eles pertenciam, as motivações e as funções que a rede virtual de relacionamentos estabelecia ou estabelece em suas vidas.

### **3.3 - Interligando as trilhas**

Na trilha real, a coleta de dados foi se concretizando por meio da observação, registro em caderno de campo e entrevistas com os sujeitos. O objetivo das entrevistas foi tentar captar o movimento de percepção dos sujeitos no caminho do acesso às tecnologias digitais, além de conhecer as motivações que os levaram a buscar esses espaços. As entrevistas com os monitores tentaram buscar a percepção deles referente ao processo de acesso a tecnologia a partir da proposta do CVT. A partir disso, tentei cruzar as informações dadas pelos monitores, pelos usuários e pelas minhas observações. Na trilha virtual, acompanhei quase que diariamente os perfis dos usuários no *Orkut*, salvei algumas das alterações mais significativas relacionadas aos perfis, analisei as comunidades pertencentes e estabeleci o mapa de interação desses sujeitos na rede. Além do *Orkut*, surgiu, posteriormente, no grupo da “terceira idade”, uma rede de trocas virtuais de mensagens pelo e-mail. Integrei-me à rede e pude perceber o

movimento dos sujeitos na *internet*. O volume de dados adquiridos nesse processo se tornou intenso. Eu tinha as respostas dos questionários, as transcrições das entrevistas com os usuários “idosos”, jovens e monitores do CVT, diário de campo, relatório das visitas nas *lan house*, fotografias, material de divulgação na mídia sobre *inclusão*, os perfis públicos e os e-mails do grupo da “terceira idade”. Algumas dúvidas apareceram nesse processo de análise dos dados. Eu desenvolveria um estudo comparativo entre juventude e terceira idade? Entre Centro Vocacional e *Lan House*? Após algumas sessões de orientação discutindo sobre essas questões, optamos por analisar cada grupo sem estabelecer comparações, dado para o qual este trabalho, no campo das produções, não pretende trazer respostas, e sim instigar futuras reflexões e desenvolvimento de pesquisas futuras.

### 3.4 - Os navegadores

O campo nos deu a oportunidade de trabalhar com dois grupos etários distintos, os jovens com idade entre 14 e 24 anos e os adultos com mais de 60 anos. No grupo dos jovens, a opção pelo acompanhamento dos três jovens do sexo masculino<sup>6</sup> (Varlei, Peterson e Ronaldo) se deu pela interação constante entre os três na *internet*, no CVT e em outros espaços (bairro, escola e “baladas”). No grupo da terceira idade, optamos por acompanhar três mulheres (D. Leia, Ângela e D. Marta), as duas primeiras pelos seus deslocamentos mais ágeis na *internet* e a última pela motivação e pelo desejo de aprendizado. Além do acompanhamento dos usuários, foram realizadas entrevistas com os quatro monitores que

---

<sup>6</sup> Mesmo tendo no CVT um público superiormente feminino, consideramos que tal representatividade não mudaria a proposta da pesquisa, a partir da escola, 3 jovens do sexo masculino.

acompanhavam as turmas do CVT. No total, foram realizadas 18 entrevistas, mas priorizamos nove :3 com os jovens, 3 com os idosos e 3 com os monitores.

A razão pela escolha dos três jovens do sexo masculino ocorreu pelo fato de acreditarmos que esses jovens tinham uma rede de sociabilidade formada e sólida. Acreditamos que a juventude é uma fase em que o indivíduo está em busca de si mesmo na tentativa de construção da sua identidade. Mas até que essa identidade se defina, o jovem experimenta flutuações, sendo comum que ele assuma diversas identidades de acordo com os ambientes que frequenta. É uma fase marcada também pela tendência de conviver em grupo, formado por pessoas da mesma idade, com as mesmas características. De acordo com Dayrell, a juventude é

ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e, no seu interior, cada grupo social vão lidar com esse momento e representá-lo. Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos (Dayrell, 2003, p. 41-42).

É bom ressaltar que encontramos no CVT algo muito peculiar, uma expressiva presença feminina, diferentemente das *Lan House*, onde o público se constituiu pela presença masculina. O gráfico abaixo, obtido através do questionário aplicado no CVT, nos mostra a proporção de usuários do sexo feminino em relação ao sexo masculino.

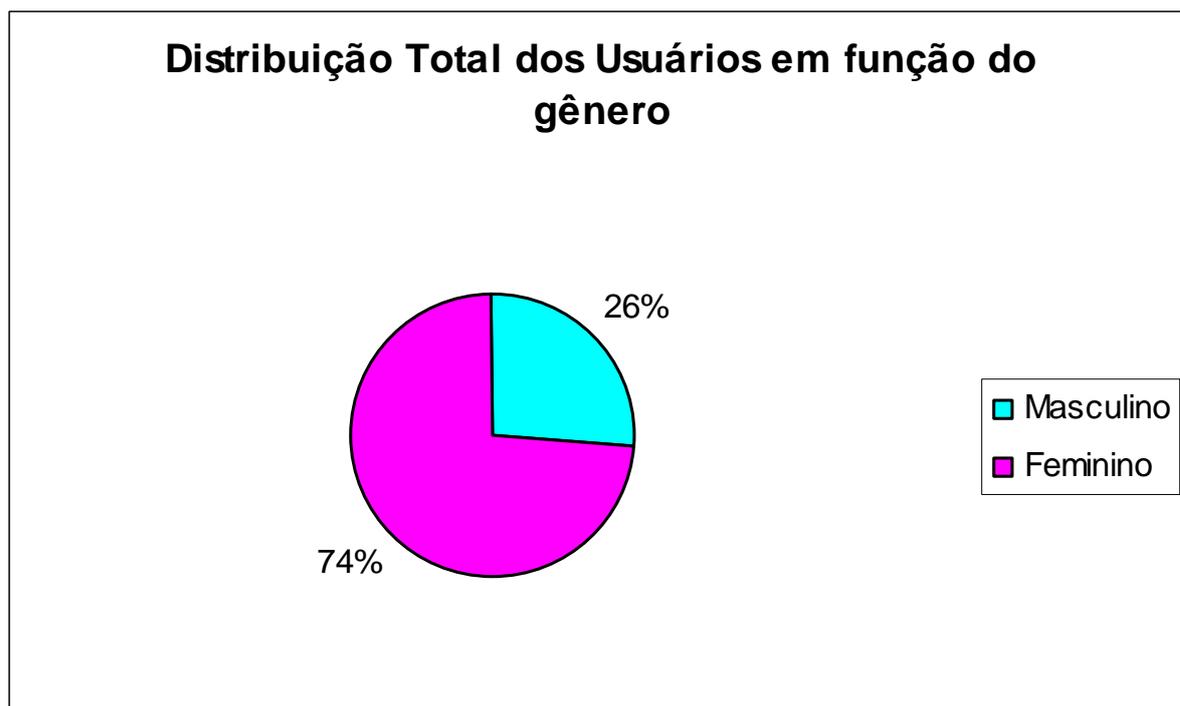


Gráfico1 – Distribuição total dos usuários em função do gênero

Não é possível estabelecer com precisão o motivo dessa presença feminina, mas algumas hipóteses podem ser levantadas. A primeira hipótese está relacionada à necessidade de o público feminino buscar aperfeiçoamento para entrada no mercado de trabalho, como o CVT, que expede certificados pelos cursos concluídos. Essas mulheres poderiam estar em busca de qualificação profissional para entrada no mercado de trabalho. A outra hipótese levantada é que, no CVT, encontramos um ambiente familiar de acesso a *internet*, diferentemente das *lan house* com seus vidros escuros e jogos eletrônicos. Infelizmente não temos como aprofundar nessa discussão, por falta de dados que nos forneçam pistas sobre esse movimento das mulheres em busca do acesso a tecnologia.

Por outro lado, pudemos entrar em contato com outra situação, daqueles que já trabalharam, já criaram filhos e netos e estavam em busca de outras experiências. Definir o

envelhecimento neste trabalho não foi tarefa fácil, já que na vida nos deparamos muitas vezes com o preconceito sobre essa fase, pois na velhice

(...) o coeficiente de adversidade das coisas cresce: as escadas ficam mais duras de subir, as distâncias mais longas a percorrer, as ruas mais perigosas de atravessar, os pacotes mais pesados de carregar. O mundo fica eriçado de ameaças, de ciladas. Uma falha, uma pequena distração são severamente castigadas (Bosi, 2006, p. 79).

No CVT, deparamos com as dificuldades impostas pela idade, como a dificuldade de descer os degraus para o acesso à sala dos computadores, o deslocamento da casa para o CVT, que por alguns é realizado com dificuldade. Vejamos o caso da D. Marta: com 79 anos, ela usa bengala, e nas vezes que não pôde pagar um táxi, vai andando a passos lentos pelos morros da cidade, com seu chapéu de palha e bengala. D. Leia conta com o auxílio do filho, para levar e buscar, dentre outros que tentam driblar as dificuldades físicas para chegar até as aulas. É importante ressaltar que nenhuma das dificuldades, vistas por mim, foi ressaltada por eles nas nossas conversas. Percebi, nesse grupo, um desejo de novos conhecimentos e novas oportunidades de sociabilização com ou pela tecnologia, por meio da tecnologia, pelo contato no CVT e pela tecnologia nas trocas de e-mails e no *Orkut*.

### **3.5 - Os pontos de encontro do pesquisador e pesquisados**

Esta pesquisa aconteceu em quatro espaços: *Lan House*, Centro Vocacional Tecnológico, *Orkut* e o grupo de troca de mensagens eletrônicas da terceira idade. Os locais

foram definidos em função dos sujeitos localizados inicialmente no CVT, como explicados anteriormente no desenvolvimento das trilhas reais e virtuais.

O CVT de Nova Lima funciona na rua Marquês de Sapucaí, n.º 15, no centro da cidade. Os Centros Vocacionais de Minas Gerais foram inspirados no modelo do Governo do Ceará e adequados à realidade mineira, no intuito de melhorar a qualidade de vida no Estado. Constitui-se em um centro voltado para a capacitação tecnológica da população observando a vocação produtiva da região e ampliando as oportunidades de negócios das microempresas. Sua estrutura de ensino, com base em laboratórios, *salas de inclusão digital*<sup>7</sup>, de videoconferência e de incubadoras de empresa, está orientada para capacitar as pessoas para o mercado de trabalho. Reproduzo, aqui, os objetivos descritos pela instituição:

- *Promover a inclusão social, permitindo acesso gratuito à internet;*
- *Utilizar ferramentas de Ensino a distância para treinar e qualificar mão de obra regional;*
- *Formar técnicos em áreas estratégicas para cada região, conforme vocação regional;*
- *Oferecer cursos profissionalizantes aos jovens que pretendem ingressar no mercado de trabalho;*
- *Prestar serviços de consultoria, certificação e análise pelos laboratórios implantados, principalmente às micro e pequenas empresas;*

---

<sup>7</sup> As salas onde os sujeitos utilizam o computador e a internet são denominadas pela instituição como “Inclusão Digital I” e Inclusão Digital II”.

- *Difundir as tecnologias geradas adaptadas para a solução de problemas regionais;*
- *Elaborar projetos para a implantação de empresas incubadas; acompanhar o processo e capacitar pessoa, promovendo e apoiando a criação e o desenvolvimento de micro e pequenas empresas;*

A infraestrutura dos centros atende a uma demanda básica de funcionamento orientada pelo governo. Cada unidade deve conter, no mínimo:

- 2 salas de *Inclusão Digital*: cada sala com 10 computadores, impressora, *softwares* atualizados e mobiliário ergonômico.
- 1 Sala de Videoconferência: com mínimo de 20 lugares, televisor, 1 câmera de documentos, câmera de videoconferência, microfone, módulo para entrada de dados para conexão de *notebooks*.
- Laboratório Vocacional: em conformidade com a vocação econômica de cada região. Esses laboratórios serão montados com equipamentos necessários para a capacitação teórica e prática das atividades produtivas.
- Salas de Incubadoras de Empresas: com computadores e infraestrutura necessária para o desempenho dos trabalhos

Para a gestão destes Centros Vocacionais Tecnológicos, são celebrados Convênios com Organizações do Terceiro Setor, como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), Organizações Não Governamentais (ONG) ou Organizações Sociais (OS).

Essas organizações recebem a missão de gerenciar o CVT e promover a sustentabilidade desses Centros. Após um ano, a unidade deve se tornar auto-sustentável. A unidade de Nova Lima é gerenciada pela ONG VERDE NOVO. Porém, cabe à Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SECTES), juntamente com um comitê criado por ela, à monitoração dos serviços prestados e a aplicação dos recursos destinados a cada CVT.

Um dos critérios para receber o CVT é que o município tenha entre 20 mil e 100 mil habitantes. Abaixo de 20 mil habitantes, somente cidades que contam com Arranjos Produtivos Locais (APL) bem definidos. Cidades acima de 100 mil habitantes, mas que contam com Universidades com ênfase em APLs Regionais, também podem ser atendidas por esse programa.

**INFRA-ESTRUTURA:**

**02 LABORATÓRIOS DE INCLUSÃO DIGITAL:** cada sala com 10 computadores, impressora, softwares atualizados e mobiliário ergonômico.

**LABORATÓRIO VOCACIONAL:** onde são oferecidos cursos nas áreas de turismo e hotelaria, bem como, cursos que atendam a demanda de trabalho do mercado.

**INFRA-ESTRUTURA:**

**SALA DE VIDEOCONFERÊNCIA:** com 24 lugares, televisor, câmera de documentos, câmera de videoconferência, microfone, módulo para entrada de dados para conexão de notebooks.

**INCUBADORA DE EMPRESAS:** com computadores e infra-estrutura necessária para o estímulo aos novos empreendedores.

**PARA PARTICIPAR DOS CURSOS INFORME-SE NA SECRETARIA DO CVT-NOVA LIMA E ADQUIRA SEU PASSAPORTE DA CIDADANIA.**

**ONG VERDENNOVO**  
NOVA LIMA

Pelo reconhecimento como Utilidade Pública Municipal e Estadual, a ONG VERDENNOVO RIO DAS VELHAS se tornou gestora do CVT - Nova Lima.

A entidade foi criada em 16 de agosto de 2001, e estabeleceu como objetivo, promover ações que proporcionem melhor qualidade de vida ao ser humano, envolvendo questões relacionadas ao meio ambiente e à inclusão social.

Tem como grande parceira neste projeto a Prefeitura Municipal de Nova Lima, a Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia, e o Ministério de Ciência e Tecnologia.

Figura 1 - Folder de divulgação da ONG VERDENNOVO

Optamos por acompanhar 04 *Lan House* no município: Control's, Ice, Arena PH e Web Caverna.

Control's Informática e *Lan House*

End. Rua Benedito Valadares 210, Bonfim

Inaugurado em 2007

Funcionamento: De 09h às 22h (Seg. a Sab)

Quantidade de computadores: 10

Jogos: Sim

Valor do Acesso: 3,00 a hora

Média de usuários por dia: 50-70 pessoas

Esta *Lan House* fica num bairro muito movimentado no Bonfim, próximo a uma escola estadual de ensino fundamental e médio. O espaço é pequeno. São dois andares; a *lan house* funciona no primeiro piso; no segundo estão algumas caixas, que dão a impressão de um pequeno depósito, pois nesse local acontece também revenda de equipamento de informática.

Local: *Lan House Ice*

End. Padre Couto 40<sup>a</sup> - Retiro

Inaugurado em 2008

Funcionamento: De 09h às 21h30min (seg. a sáb).

Quantidade de computadores: 09

Jogos: Sim

Valor do Acesso: 3,00 a hora

Média de usuários por dia: 40 pessoas

A *Lan House Ice* fica localizada numa rua com movimento intenso de veículo, que dá acesso ao centro da cidade. O local é agradável e traz um ambiente claro. Os computadores são dispostos em duas fileiras, uma na parede esquerda e outra na parede direita.

Local: *Web Caverna Lan House*

End. Avenida Henrique Othero 256 - Centro

Inaugurado em novembro de 2008

Funcionamento: De 09h às 23h (Seg. a Sex) e de 9h às 20h (Sábado)

Quantidade de computadores: 08

Jogos: Sim

Valor do Acesso: 3,00 a hora

Média de usuários por dia: 50 pessoas

A *Web Caverna* fica numa avenida próxima ao centro da cidade, porém com um trânsito de veículos e pedestres pequeno.

Local: *ArenA PH Lan House*

End. Rua Benedito Valadares 69, Sala 14, Bonfim

Inaugurado em 2004

Funcionamento: De 09h às 22h (todos os dias)

Quantidade de computadores: 16

Jogos: Sim

Valor do Acesso: 2,00 a hora

Média de usuários por dia: 50-70 pessoas

A *ArenA PH Lan House* fica no segundo andar do Shopping Nova Lima, um pequeno espaço comercial com área de alimentação, consultório dentário, clínica médica e loja de móveis. A *Lan House* fica próxima à praça de alimentação. O local possui baixa luz, dando a impressão de perda da noção do tempo, pois não há nenhum contato com o “mundo exterior”.

Outro ponto pesquisado foi o *Orkut*, um site de relacionamentos muito utilizado no Brasil, adquirido pelo *google* em 2004. Antigamente, para um novo usuário se integrar ao *Orkut*, era necessário receber um convite de um membro já pertencente à rede de relacionamentos, atualmente para se integrar ao *site* basta possuir uma conta de e-mail do grupo *google*. Segundo Anãã:

o *software* permite ao usuário criar o seu perfil, incluindo fotos, descrição, atributos físicos, detalhes de sua personalidade, preferências, entre outros aspectos, além de possibilitar a formação de uma rede de amigos e a criação e participação de comunidades, com propósitos variados o mais possível. Esse perfil é visível a todos os demais membros, que até podem visualizar as conexões diretas (amigos) e indiretas (amigos dos amigos), e convidar os amigos dessa pessoa a fazerem parte de sua rede pessoal. Além disso, há diversas formas de interação, por meio de sistemas de fóruns, mensagens privadas e públicas etc (Anãã, 2008, p. 48).

O site de relacionamento virtual *Orkut* foi o espaço encontrado para compreender a formação da rede de sociabilidade dos usuários jovens frequentadores do CVT. Já o grupo da terceira idade que frequenta o CVT possui uma rede de trocas de mensagens virtuais através do correio eletrônico. Em alguns momentos da pesquisa, eu utilizei desse endereço para compreender a frequência de trocas de mensagens, o tipo de mensagens enviadas. No período de coleta de dados, foram 118 mensagens enviadas para o grupo. Os conteúdos das mensagens variam; todas são correntes de e-mails que circulam pela rede, tratam de assuntos religiosos, piadas, imagens, políticas, etc.

### **3.6 - A conexão dos pontos**

Pesquisar denota reedificar conhecimento, tendo como ponto de partida o que já existe para dar sempre um “passo a frente”. Por se tratar de um campo de estudos recente, a metodologia realizada foi motivo de constante discussão. Nas sessões de orientação, foram frequentes os questionamentos se deveríamos iniciar a pesquisa partindo do estudo virtual dos sujeitos presentes na rede para depois irmos ao encontro desses sujeitos no seu ambiente físico real ou se deveríamos partir do contrário. O processo de construção dessa metodologia teve como ponto de partida o contato com alguns pesquisadores estrangeiros que fazem pesquisas nessa área e que se encontram em Londres e na Espanha. A partir de algumas leituras sugeridas e conversas por um grupo de discussão virtual (Medios Digitales no yahoo groups), formados por pesquisadores do assunto, foram surgindo algumas possibilidades de metodologia que poderiam nos auxiliar no desenvolvimento desta pesquisa.

Na University of Hannover – Germany, o pesquisador Jannis Androutsopoulos

desenvolveu uma pesquisa sobre a comunicação mediada pelo computador e utilizou o termo *Online Ethnography*, ou seja, etnografia virtual, para denominar sua metodologia de pesquisa.

De acordo com o autor:

Tem-se aprendido muito com os estudos sobre a comunicação mediada pelo computador quando utilizada a etnografia para explorar a cultura da *internet*, para reconstruir a formação das comunidades virtuais numa perspectiva êmica e mapear a dinâmica e desdobramentos das atividades virtuais nas relações reais<sup>8</sup> (Androutsopoulos, 2006, p. 423-424) (tradução livre).

Acredito que, assim como os povos e grupos estudados sob o olhar etnográfico, as comunidades virtuais também possuem suas regras, crenças e constroem seus significados dentro do seu próprio grupo. Outro estudo realizado no King's College London por Alexandra Georgakopoulou sobre o mesmo tema da pesquisa anterior destaca a importância da etnografia do ciberespaço. Segundo a autora:

A etnografia virtual pode avançar a nossa compreensão dos papéis da comunicação mediada pelo computador, na formação das micro-culturas e histórias interacionais, partilhadas não apenas na natureza puramente

---

<sup>8</sup> Much can be learn in this respect from CMC studies which have drawn heavily on ethnography to explore internet cultures, to reconstruct the formation of online communities from emic perspective, and to chart the dynamic unfolding of online activities in relation to offline events.

virtual, mas também nas relações sociais presentes nas comunidades reais<sup>9</sup> (Georgakopoulou, 2006, p. 552) (tradução livre).

Outros estudos realizados por Moinian (2006), Gómez Cruz (2002), Mayans i Planells (2002) e Androutsopoulos (2006a) destacam a relevância de se fazer uma pesquisa etnográfica da rede, utilizando como ponto de partida os sujeitos na sua comunidade local e virtual. Mayans i Planells (2002) denominam a antropologia do ciberespaço como uma “ciberantropología”, ou seja, uma etnografia do ciberespaço.

Tomando como referência os estudos citados anteriormente, esta pesquisa considerou como referência metodológica o estudo qualitativo numa perspectiva etnográfica e trabalhou em dois espaços da pesquisa, o *real* e o *virtual*. A escolha desta metodologia refere-se ao modelo proposto por Judith Green, ao explicar qual o papel do etnógrafo num estudo desta natureza. De acordo com a autora, o intuito de se fazer uma etnografia se funda na descoberta

das maneiras pelas quais os membros do grupo estudado percebem sua realidade e seu mundo, como eles constroem seus padrões de vida, e como, por intermédio de suas ações (e interações) constituem seus valores, crenças, ideias e sistemas simbólicos significativos (Green, 2005, p. 28).

Numa perspectiva etnográfica, foram observados como os sujeitos se apropriam do espaço do CVT e das *Lan house*, a dinâmica de funcionamento, as relações estabelecidas

---

<sup>9</sup> (...) online ethnographies can advance our understanding of the roles of CMC in the (re)formation of micro-cultures and shared interactional histories not just in purely online communities but also in existing social relations.

nesse ambiente, a frequência, ou seja, a rotina de funcionamento. Observamos, também, os sujeitos na rede da *internet*, através do *Orkut* e grupo de correspondência eletrônica. Tentamos analisar suas ações e movimentos no ciberespaço dentro destas redes. O recolhimento dos dados para análise se deu principalmente pelas observações em conjunto com as entrevistas dos sujeitos e pela análise do perfil do *Orkut* e das trocas de mensagens pela *internet*. Dessa maneira, pretendeu-se analisar os discursos produzidos pelos sujeitos desta pesquisa, buscando identificar seus significados em torno da temática do acesso e socialização oportunizados pela tecnologia. No próximo capítulo, apresento como a terceira idade se movimenta por esses espaços.

#### **4.0 - A TERCEIRA IDADE E A APROPRIAÇÃO DE CONHECIMENTOS DIGITAIS**

Ao propor um estudo sobre jovens em busca do acesso a tecnologia digital, não esperávamos encontrar uma parcela tão significativa de usuários adultos e, principalmente, de usuários com mais de 60 anos, talvez pelo imaginário de que somente os jovens estariam buscando conhecimentos digitais. Diante de duas turmas formadas para “a melhor idade”, designação dada pelo CVT para essa faixa etária, não pudemos deixar de acompanhar esses sujeitos.

##### **4.1 - Velho, Idoso ou Terceira Idade?**

De acordo com o IBGE, o número de pessoas com 60 anos ou mais está crescendo mais rapidamente do que o de qualquer outra faixa etária em todo o mundo. Nos próximos 20 anos, a população idosa do Brasil poderá ultrapassar os 30 milhões de pessoas e deverá representar quase 13% da população ao final deste período. As projeções indicam que, em 2050, a população idosa será de 1.900 milhões de pessoas, montante equivalente à população infantil de 0 a 14 anos de idade. Os números mostram que, atualmente, uma em cada dez pessoas tem 60 anos de idade ou mais e, para 2050, estima-se que a relação será de uma para cinco em todo o mundo, e de uma para três nos países desenvolvidos. O Censo 2000 verificou, ainda, que 62,4% dos idosos eram responsáveis pelos domicílios brasileiros. Essa estatística do crescimento da população com idade mais avançada é uma justificativa da

importância de se estabelecer pesquisas sobre esse grupo etário em todas as áreas do conhecimento.

O ponto de partida para o entendimento do processo de apropriação de novas tecnologias é a caracterização do que seria o envelhecimento, porém, os termos “velho”, “idoso” e “terceira idade” são termos próprios de uma formação ideológica sobre a representação dessa faixa etária e não dão conta de expressar a diversidade de significados a elas subjacentes e nem a diversidade de possibilidades de vivência da velhice por diferentes sujeitos e classes sociais. Por essa razão, os termos vêm sendo alterados constantemente.

Segundo Peixoto:

Observa-se uma transformação nos termos de tratamento, bem como outra percepção das pessoas envelhecidas. Tornados pejorativos, certos vocábulos são suprimidos dos textos oficiais, principalmente das comissões governamentais de estudos sobre a velhice (Peixoto, 1998, p. 73, apud, Kachar, 2003, p. 25).

A vinculação do termo “velho” aos indivíduos da camada socioeconômica mais baixa associava a imagem da pessoa mais velha à incapacidade para a produção e para o trabalho; o termo “idoso” foi inserido em torno de 1960, com a instauração de novas políticas sociais para a velhice, como a pensão e aposentadoria, e altera a denominação social de uma categoria não mais em função da sua condição social ou econômica. Essa alteração no status dos sujeitos de inativos para sujeitos aposentados ainda na condição de produção altera as possibilidades de vida nessa faixa etária. Com isso, um novo termo se apresenta: “terceira idade”. Todas as mudanças referentes aos termos de denominação desse grupo populacional

tiveram influência das políticas sociais que aconteceram na França; porém aqui, no Brasil, essas medidas políticas aparecem ligadas apenas à modificação dos termos e não a modificações sociais e políticas referentes a essa parcela da população. Conforme Kachar (2003, p. 26), *influenciados pela modificações na França, o termo terceira idade chega até a nós por absorção da nova designação, sem comprometimento com mudança no sistema de condução política da questão da velhice.*

Optei pela designação do termo “terceira idade” para remeter às pessoas com mais de 60 anos, parte dos sujeitos desta pesquisa, pelos traços positivos que o termo denomina na sua utilização na França, na condição de sujeitos ativos, aprendizes, entusiasmados e cheios de desejos de aprender, o que vai ao encontro do que presenciei no trabalho de campo. Segundo Schneider e Irigaray:

O envelhecimento não é algo determinado pela idade cronológica, mas é consequência das experiências passadas, da forma como se vive e se administra a própria vida no presente e de expectativas futuras; é, portanto, uma integração entre as vivências pessoais e o contexto social e cultural em determinada época, e nele estão envolvidos diferentes aspectos: biológico, cronológico, psicológico e social (Schneider e Irigaray, 2008, p. 586).

Bosi nos alerta que, “além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social” (Bosi, 2006, p. 77). Apoiado nessa concepção de envelhecimento, este trabalho considera que o acesso da terceira idade na busca pelo aprendizado das novas tecnologias da comunicação e informação é um dado novo a ser pesquisado e aprofundado. O que buscam esses sujeitos nas práticas digitais? Que representação eles têm dessa tecnologia?

## 4.2 – Apropriação da tecnologia pela Terceira Idade

A apropriação da tecnologia pela terceira idade se dá com certa dificuldade. A percepção dessas dificuldades aparece tanto no discurso dos próprios sujeitos quanto nas minhas observações em campo. Vários são os desafios a serem vencidos. Segundo Kachar, esses desafios são de ordem motora, conceitual e de atitude. Segunda a autora:

De ordem motora: a dificuldade em manusear o mouse, falta de destreza para clicá-lo e arrastá-lo ao mesmo tempo; desafios de ordem conceitual: como abrir um aplicativo, como salvar um arquivo ou mesmo produzir um texto, e desafios de postura e atitude: como ser um aprendiz nesse novo contexto educacional, em que as soluções não são impostas, mas devem ser construídas pelos aprendizes (Kachar, 2003, p. 12).

Podemos exemplificar as dificuldades encontradas no campo e também apresentadas por Kachar, analisando um evento sobre as funções “fechar, minimizar e restaurar”, referentes às janelas dos aplicativos do *word*, vivenciado por uma turma de idosos em estágio inicial de aprendizado, pois a turma estava reunida há mais ou menos um mês em dois encontros semanais de cinquenta minutos.



Figura 2 - Fechar



Figura 3 - Minimizar

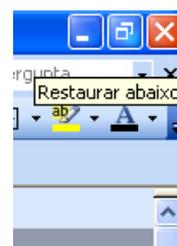


Figura 4 - Restaurar

**Evento 1** – Aplicação pelos usuários da terceira idade das práticas de fechar, minimizar e restaurar documentos do *word*.

“O grupo da terceira idade acompanha atentamente a explicação da monitora referente ao ato de minimizar, fechar e restaurar os documentos do *word*. A monitora pediu a cada um que clicasse na sua pasta pessoal na área de trabalho para abrir alguns arquivos do *word*. Alguns usuários tiveram dificuldades em executar o comando, pois não sabiam localizar a área de trabalho; outros apresentaram dificuldade em manusear o *mouse*, mais especificamente com relação ao clique dos botões do mouse para acessar a pasta na área de trabalho. Com o auxílio da monitora e colegas, todos conseguiram acessar a pasta pessoal. Com textos abertos, eles vão testando os botões. Alguns comentários surgem entre eles: o Sr. José comenta que, após minimizar o texto, ele voltou para a tela anterior (ou seja, a área de trabalho); o Sr. Sérgio, que possui baixa audição, mostra-se impaciente, pois não está entendendo a aula. Muitos usuários estão apresentando dúvidas com relação ao lugar “para onde o texto vai” ao clicar nas funções. O texto aparece e desaparece, mas para onde ele vai? Ocorre, então, o processo de troca, um clica e confere na tela do colega se acontece o mesmo quando se minimiza um documento. A Sra. Maria pergunta se isso está na apostila; como a monitora diz que não há essa explicação na apostila, Sra. Maria pede à monitora que passe a explicação no quadro, porque, segundo ela, é “melhor tomar nota”. A Sra. Marli não está compreendendo a

diferença entre minimizar e restaurar. Penso que eles não estão vendo muita utilidade nesses botões porque até então estavam acostumados com a lógica do impresso; a simultaneidade de documentos abertos parece não fazer muito sentido até o momento. A monitora pede à turma para que repitam sozinhos a atividade desde o início. E a dificuldade com o mouse reaparece. “É pra clicar uma ou duas vezes? Quando? E a Sra. Maria, então, comenta: “isso é difícil demais”. O Sr. José então se dispõe a ajudá-la, mas ela continua repetindo inúmeras vezes: “isso é difícil demais” (trecho extraído do diário de campo).

Esse evento foi selecionado exatamente por aparecerem questões parecidas com essas na pesquisa de doutoramento de Vitória Kachar referente às atividades de uso da informática com pessoas da terceira idade. Para esse grupo, acostumados até então com a lógica do impresso, o simples manuseio do *mouse* gera dúvida, medo referente ao estrago do equipamento e documentos, e insegurança com relação ao que pode ser feito autonomamente ou não. Usuários iniciantes apresentam questões de ordem motora mais intensa que usuários mais experientes. É importante ressaltar que as dificuldades aparecem, mas não limitam os sujeitos de se apropriarem de tais conhecimentos. Para esse grupo, a relação com a tecnologia ultrapassa a instrumentalização do acesso, e a tecnologia passa a ser percebida de outro modo. O espaço de aprendizado passa a ser visto como um outro lugar, assim como descreveu Valente no prefácio do livro da Kachar, *a aprendizagem, que de certa forma foi desvinculada de como as pessoas são e do que gostam, agora passa a ser realizada em função da vida, de atender objetivos muito pontuais e relacionados com a satisfação pessoal* (Valente, 2002, apud Kachar, 2003, p. 15).

A afirmação acima pode ser justificada a partir de um evento ocorrido durante o trabalho de campo, mais especificamente, quando foi aplicado aos usuários um questionário para

conhecimento do público que frequentava o CVT. Nesse questionário havia a seguinte mensagem anexa:

Caro(a) usuário(a),

Estou elaborando um trabalho para a minha faculdade sobre a inclusão de jovens na *internet*. Para isso, estou visitando o CVT e algumas *Lan house* de Nova Lima. Gostaria de contar com sua participação neste momento respondendo a este questionário. Os seus dados não serão divulgados.

Coloco-me à disposição para qualquer dúvida. Meu e-mail é [dcmendes\\_ufmg@yahoo.com.br](mailto:dcmendes_ufmg@yahoo.com.br)

Conto com a sua colaboração.

Obrigada!

Daniele Cristina Mendes

Em resposta ao questionário, recebi pelo e-mail disponibilizado na carta uma mensagem de uma usuária de 79 anos solicitando auxílio referente ao método de ensino utilizado pelos monitores e fazendo referência ao método de ensino vivenciado por ela em momentos anteriores, no seu processo de alfabetização. Transcrevo o e-mail na forma que o recebi, formatado no *word* pela própria D. Marta e enviado pelo seu filho, a pedido dela:

*Caríssima Daniele!*

*Eu sou Marta, frequento o Cvt- Nova Lima e respondi ao questionário solicitado.*

*Naquela hora não me dei conta, não atinei; era dirigido á inclusão de jovens.- Conto 79 anos. Você colocou-se á disposição para qualquer dúvida .Aproveito esta deixa e passo-lhe observações que venho notando no curso da terceira Idade..Oh! No tempo escolar para nós a Terceira Idade atual, o método de ensino era muito repetitivo. No segundo ano primário cheguei á escrever a palavra MUITO 200 vezes. Eu escrevia muieto muinto, muimto, munto, como eu a ouvia e a entendia. Porem depois de anotá-la estas tantas vezes, nunca mais errei esta palara; Ficou gravada no meu cérebro. Conto-lhe este fato, por que pode ser;ele sirva de ajuda na elaboração de método mais hábil para o nosso aprendizado no computador. –INCLUSÃO DIGITAL.*

*Por não termos um jeito adequado a*

*nossa necessidade atual e porque temos perdido tempo nosso e da própria CVT, quando reconhecemos que não demonstramos o aproveitamento esperado de nós e pelos monitores.*

*Daniele! Se você tem condições*

*de nos dar ajuda neste setor, ficar-lhe-ei eternamente grata !*

A análise dessa carta revelou algumas práticas que puderam ser comprovadas posteriormente nas observações em campo e na entrevista com os usuários. A primeira observação refere-se ao emprego de um bloco de anotações pelo grupo da terceira idade em questões relacionadas ao armazenamento das informações passadas em sala de aula e o crédito de que esse método é o mais eficaz, ligado à experimentação desses usuários no seu processo de escolarização. A segunda observação refere-se à utilização do e-mail como canal

de comunicação. A turma da terceira idade reunida há mais tempo possui uma lista de contatos na turma, com a qual eles vão trocando e-mail entre eles. Percebe-se, pelo envio deste e-mail, que a tecnologia não é vista para a turma como um mero instrumento, pois a Sra. Marta, usuária mais velha do CVT, com todas as dificuldades de digitação, acesso e envio do e-mail, utilizou-se desse espaço para comunicar, mesmo tendo acesso a mim por outras formas, como telefone ou presencialmente.

Em entrevista a essa senhora de 79 anos, é possível compreender um pouco do imaginário sobre a tecnologia para essa senhora. Se, no início, a *internet* era para ela algo mágico que mistura “sensações físicas e extra sensoriais”, ao estudar sobre os computadores, ela chegou à conclusão de que o processo de evolução da tecnologia veio de aparatos tecnológicos mais remotos, como o ábaco, e isso a impulsionou a entrar em contato com esse universo. Segundo a D. Marta, “*Quem não se afina com a internet, com a computação, é um analfabeto*”. Ficou evidente no seu depoimento seu desejo de aprendizado da tecnologia após a desconstrução da ideia de que a *internet* era algo extra sensorial e vinha de algo muito mais próximo da sua realidade.

(...) mas aí um dia eu li que o computador começou no ábaco. Porém eu conheço o ábaco. Na minha sala de aula tinha um ábaco pregado lá na parede, a professora fazia, mas não usava. Uma vez eu falei com ela, oh dona Célia eu sou encantada com aquele negócio ali, o que é aquilo? Ela disse assim, eu vou fazer uma demonstração rápida ligeira para nós. Então eu vou falar que conheço o ábaco, conheço de vista, NE? Mas aí então se a *internet* começou lá, eu posso aprender, porque depois eu vi que foi desenvolvendo pros teares, pras máquinas de calcular, aquelas coisas todas.

Então eu achei, não é? Parada pra mim, então eu posso aprender. E vim<sup>10</sup>  
(Depoimento da D. Marta).

Ao longo do seu desenvolvimento cognitivo, o ser humano vai adquirindo uma série de competências e informações que são reflexo dos processos de aprendizados a que foram influenciados, seja por fatores internos, externos, sociais ou individuais. A memória estabelece relações diretas, relacionadas pela atenção e pela motivação. Basicamente temos três tipos de memória: a memória associativa, que se caracteriza pela baixa estocagem de informação, como, por exemplo, o “decorar” de uma poesia; a memória relativa ao sistema de conhecimento, em que o entendimento do assunto está associado à memorização; e finalmente a memória episódica, na qual os fatos marcantes ficam registrados e aguardando serem retomados. O grupo da terceira idade apresenta mais dificuldades em guardar o significado de cada ícone e a localização das informações nas páginas. Todos os sujeitos com mais de 60 anos, observados na sala digital do CVT, utilizam junto à tecnologia um bloco de notas, onde as informações para cada acesso são registradas e consultadas posteriormente.

O conhecimento e a informação são fenômenos interligados pela sua natureza comum – o ato de obter e dar significado cultural (compartilhado) ao mundo, mas não são processos idênticos ou que se confundem. [As autoras afirmam, ainda, que o conhecimento e a informação funcionam em níveis distintos, uma vez que o processo de conhecimento] supõe a estruturação e depuração de informações: seleção da informação relevante, triagem e eliminação da informação supérflua, o que garante a ‘eficácia da

---

<sup>10</sup> Pelos objetivos específicos deste trabalho, os depoimentos foram editados, apagando-se as marcas de oralidade que dificultariam a clareza dos conteúdos expressos nessas falas. As marcas suprimidas dizem respeito à entonação, correções, supressão de parte das palavras, alongamentos, repetições sem relevância para a compreensão dos efeitos discursivos. Quando relevantes, foram mantidas marcas de entonação

memória', uma vez que não se pode reter todas as informações disponíveis (Marteleto e Ribeiro, 2001, p. 03).

Bosi nos diz, a partir dos estudos de Bérqson, que a conservação e a atuação do passado no cotidiano dos sujeitos está relacionada a dois tipos de memória, uma ligada aos automatizados das ações, de efeito mecânico, e outra ligada a fatos isolados que remontam ao passado. O cotidiano, então, atravessa de forma conflitiva a rigidez de um hábito e o aprendizado de novos hábitos. No que se refere ao aprendizado para os velhos, Bérqson nos diz que *o velho típico já não aprenderia mais nada, pois sua vida psicológica já estaria presa a hábitos adquiridos, inveterados; e, em compensação, nos longos momentos de inação, poderia perder-se nas imagens-lembrança* (Bérqson apud Bosi, 2006, p. 49).

Em contrapartida, Bosi, baseada nos estudos de Halbwachs, nos diz que o fator regulador da memória-indivíduo se desloca para a memória-sociedade. Segundo Halbwachs, nessa outra visão

a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. (p. 54) [*e ressalta a importância da linguagem para a materialização dessa memória, pois* ] o instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual (Halbwachs apud Bosi, 2006, p. 56).

A mesma senhora que descobriu o mundo mágico do computador tem consciência dos limites da memória e também dos possíveis equívocos que circulam sobre memórias de velhos.

Agora, o que perturba, o que atrasa, o que atrapalha é a memória do idoso. Porque idoso é assim, ele aprende uma coisa hoje e daqui cinco minutos ele esqueceu. Mas não sai da cabeça não, fica passeando por ali, de repente lembra de novo. As pessoas pensam que a gente esquece pelo resto da vida, não é não, a gente esquece no momento. Tem certas circunstâncias que esquece pelo resto da vida, mas tem MUITAS circunstâncias que a gente esquece aqui, mas lembra daqui a pouco ou lembra amanhã (Depoimento da D. Marta).

Dentre as diversas estratégias e possibilidades de conservação da memória, certamente, novos aprendizados, nesse caso, o acesso a novas tecnologias, são meios importantes a serem considerados. A pessoa com mais idade tem

dificuldade em dividir a atenção: seletiva, alternada ou dividida. A atenção seletiva refere-se ao grande número de informações que são disponibilizadas na tela do computador e o ato de selecionar a informação, como um recurso do programa de computador. A atenção alternada refere-se à dificuldade de ouvir e anotar a informação que está sendo fornecida. A atenção dividida exige que o ouvinte preste atenção, simultaneamente, enquanto anota, não havendo interrupção na execução de ambos os atos (Kachar, 2003: 40).

A participação do grupo da terceira idade em “salas digitais” nos leva a pensar que suas presenças no CVT, até mesmo pela política do centro estar dirigida à formação tecnológica para a “inclusão social”, está muito mais ligada à necessidade deste grupo de ter um local para sociabilização do que para aprendizado da tecnologia em si. Isso se confirmou em entrevista a uma das monitoras de uma destas turmas, pois nesse espaço iniciou-se a formação de uma rede de relacionamento fechada à entrada de novos usuários

tanto é que quando entra alguém diferente eles reclamam...aquele Valdir...os dois homens custaram pra entrar porque elas ficavam reclamando o tempo todo (Depoimento da monitora Viviane)<sup>11</sup>.

É importante ressaltar que, aliado ao desejo de sociabilização, está presente o desejo do aprendizado da tecnologia. A *internet* se desdobra em muitas facetas para esses sujeitos: sociabilizar, comunicar, pesquisar, aprender, formar redes virtuais, etc. Essas funções ficam claras em suas falas. Isso aparece na fala dos monitores:

A terceira idade eles também procuram por causa da *internet* mas pra manter contato com parentes longe, eu percebi que eles querem digitar as pastinhas deles através do word, eles querem ter o contato com o filho que tá longe através do bate papo, eles tão sentindo esta necessidade de comunicar com as pessoas através do computador, eles estão se sentindo excluídos do mundo porque não conhecem o computador, então eles tão procurando isso, mas o foco deles é a *internet* que é a comunicação mesmo, o word tem a ver com a digitação, eles querem digitar, fazer receitas (...)(Depoimento da monitora Taciana).

---

<sup>11</sup> Sobre a entrada de um novo usuário na turma da terceira idade.

Ao se apropriarem dessa tecnologia, essas senhoras atualizam estratégias de relação com a família, refazendo, inclusive, suas concepções sobre ela. Uma avó, que antes estranhava o fato de o neto passar o dia todo no computador, compreende melhor o que se passa com ele após sua entrada na rede:

Eu gosto, eu acho bom. Às vezes eu falava dos meus netos que ficavam o dia inteiro, mas eu gosto. É engraçado, a gente nem sente que está ali não, as horas passam rápido (Depoimento da D. Leia).

Esse tempo na *internet* ela ocupa olhando se “tem recado” dos filhos na sua página do site de relacionamentos *Orkut*, copiando “coisas”, como, por exemplo, receitas e fotografias para guardar nos seus “documentos” do computador. A análise do seu perfil nos traz muitas informações a respeito da construção da sua identidade e do seu relacionamento com a tecnologia. Algumas alterações foram sendo realizadas nesses 08 meses de acompanhamento do perfil da usuária. Pudemos observar pelo primeiro perfil que a foto apresentada referia-se a uma foto de anos anteriores à imagem atual da usuária. Em seguida, foi alterada por uma foto com sua nova neta e depois de alguns meses foi modificada para um foto atual. Parece que a intenção de se mostrar mais jovem inicialmente vem com o desejo de inserção na rede social e virtual de relacionamento, prática não aceita pelo restante do grupo da terceira idade no CVT. A Sra. Leia é conhecida pelo grupo exatamente pela posse do perfil, mas a prática não é comum para outros usuários que não demonstram o mesmo interesse que a Leia. Essa senhora percebe o *Orkut* como um espaço de encontro com amigos:

E é muitos amigos. nossa senhora, a gente envia umas mensagens, é bom (Depoimento da Leia).

Outra alteração vem com relação à chamada da página do *Orkut*, que se relaciona com as experiências vividas pela usuária no momento de manutenção do perfil.

Fevereiro (2009): “*O destino não é uma questão de sorte, é uma questão de escolha, não é algo a se esperar, é algo a se conquistar.*”

Maio (2009): “*Feliz é aquele que valoriza as pessoas pelo que elas são e não pelo que elas apresentam ser.*”

Julho (2009): “*A amizade desenvolve a felicidade e reduz o sofrimento, duplicando a nossa alegria e dividindo a nossa dor.*”

O número de comunidades e amigos também foram aumentando com o passar do tempo; em fevereiro a usuária tinha 34 amigos virtuais; em maio, 51 amigos; e em setembro, 83 amigos.

As práticas de letramento desenvolvidas pelos usuários da terceira idade em fase mais avançada de aprendizado da tecnologia permitem que eles desenvolvam atividades mais elaboradas. Seja no momento de socialização via trocas de mensagens pelo correio eletrônico; seja pela formação de rede de amizades no site de relacionamento ou no próprio espaço do CVT. A troca de mensagens virtuais permite aos usuários um outro tipo de interação social; muitas vezes, enquanto estão reunidos na “sala digital”, abrem as mensagens trocadas pelo e-mail, o que lhes permite conversar “*in loco*” sobre as mensagens virtuais trocadas. Essa turma utiliza da escrita e da leitura na *internet* para outros eventos, o que os coloca numa posição de apropriação diferente da turma de “iniciantes”, pois conseguem perceber outras utilidades da linguagem na *internet*.

### 4.3 - “Incluídos” ou “excluídos”?

Para discutirmos essa questão, devemos pensar na tríade: equipamentos, conectividade e letramento, como nos sugere Warschauer (2006). Os equipamentos e a conectividade referem-se ao acesso físico e à estrutura de conexão à rede. Porém esses dois itens por si sós não garantem as práticas sociais de utilização da tecnologia da informação e comunicação. Para pensarmos um modelo de acesso, devemos discutir quais as funções e os significados que eles atribuem a essa tecnologia, daí então a importância do conceito de letramento digital. Para Soares (2002, p. 152), o letramento digital é um *certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela*. O conceito de “letramento digital” parece ganhar espaço em um momento histórico em que essa nova tecnologia da escrita ainda é privilégio de apenas parte da sociedade. No entanto, é importante reconhecer que cada vez mais há uma interconexão entre a tela e o livro ou o impresso que nos impede de identificar, de um lado, os letrados do impresso e, de outro, letrados digitais. Buzzato (2009) propõe outra concepção de letramento digital, não como contraponto aos tipos de letramentos digitais. Para o autor, letramento digital pode ser entendido como:

redes complexas e heterogêneas que conectam letramentos (práticas sociais), textos, sujeitos, meios e habilidades que se agenciam, entrelaçam, contestam e modificam mútua e continuamente, por meio, virtude ou influência das TIC (Buzzato, 2009, p. 22).

Para Marinho, o conceito de letramento:

(...) prevê um referencial teórico-metodológico capaz de dar conta das competências habilidades discursivas, linguísticas, técnicas, cognitivas, disposições e conhecimentos sócio-culturais, que são condicionados por determinados fatores sociais, políticos e culturais. [desta maneira não podemos discutir a questão da inclusão através dos termos letrados e iletrados, pois] (...) avaliar o grau de letramento de indivíduo ou de uma sociedade significa avaliar as suas possibilidades e condições de participação nas práticas de escrita que essa sociedade disponibiliza (Marinho, 2007, p.03).

É interessante notar que, de um lado, os sujeitos interessados nessas tecnologias buscam, intuitivamente, transformá-las em recursos para interações, atribuindo-lhes funções sócio-comunicativas ou para resolução de problemas, para aprendizado de coisas do seu interesse, como descrito anteriormente. De outro, os mediadores do aprendizado e uso dessas tecnologias, nesses centros, apostam na transposição de pressupostos e de metodologias de alfabetização e de ensino de leitura que revelam um descompasso entre o avanço das discussões e pesquisas no campo e a aplicação desses pressupostos para o ensino-aprendizagem dos conhecimentos sobre a *internet* no CVT.

As estratégias utilizadas por este grupo em salas digitais nos levam a perceber diferentes estratégias de utilização da tecnologia. Com diferentes graus de letramento, o grupo percebe a inclusão digital como um novo acontecimento em suas vidas, marcado pelas possibilidades de contato, seja no espaço da sala digital ou em suas trocas de mensagens pela *internet*. Talvez seja uma tentativa de fugir do esvaziamento das atividades diárias, pois,

como afirma Bosi (2006, p. 416) *à medida que o tempo social se empobrece de acontecimentos, se afina e esgarça, vão pondo nu aquele tempo vazio, sem aparas, como um chão infinito, escorregadio, em que os passos deslizam.*

Finalizando, observamos que as interações entre a terceira idade e as tecnologias de comunicação, nessas salas do CVT, enfatizam a importância desses espaços como um lugar de sociabilidade e de lazer. Neles, os sujeitos fazem uso dessa tecnologia para atividades de comunicação, de interação, ampliando sua rede e modos de relações sociais; aprendem a fazer coisas com o uso de novas tecnologias, atualizando suas concepções sobre a própria tecnologia. Por fim, reinterpretam, ressignificam ou se apropriam de maneira distinta dos objetivos e das funções previamente atribuídos às políticas e projetos de inclusão digital, sugerindo-se, pois, aos gestores dessas políticas a necessidade de se repensar seus pressupostos e estratégias.

Tentei trazer, neste capítulo, aquilo que ficou mais evidente nas minhas observações e convivência com o grupo da terceira idade. E agora fica a pergunta: e os jovens? Como constroem suas experiências na/pela *internet*? No próximo capítulo, tentarei trazer as questões que abarcam a juventude e seus trânsitos pelos diferentes espaços de sociabilização oportunizados pela *internet*. Novamente ressalto a opção de não estabelecer uma comparação entre os grupos, como descrito anteriormente no capítulo 1.

## 5.0 - APROPRIAÇÃO DE CONHECIMENTOS DIGITAIS PELOS JOVENS

Nos últimos anos, e de forma cada vez mais intensa, podemos observar que a juventude se define como tal pelas suas representações, rituais, linguagens, práticas e modos de se sociabilizar. Dessa forma, entendemos a juventude como uma condição de transição, período de muitas descobertas pessoais e sociais, fase marcada principalmente pelo conceito da diversidade. Pensando nessa categoria tão diversa, para fins de pesquisa, tomamos como ponto de homogeneização dos sujeitos pesquisados, um grupo de jovens pertencentes à camada popular do município de Nova Lima, que frequentam o CVT e com idade entre 14 e 24 anos e que vivem, de certo modo, *formas frágeis e insuficientes de inclusão* (Dayrell, 2001, p. 8).

Esses jovens estão, de certo modo, inseridos de forma desigual e restrita ao sistema de informações disponibilizados pela *internet*. Este sistema de informação, a cada dia, se diferencia e aumenta suas possibilidades de uso e acesso, o que acarreta, de certa forma, uma dificuldade de um acompanhamento crítico das questões que envolvem a aquisição da informação e da tecnologia por esses jovens. Sobre esse acesso dos jovens ao conjunto de informações disponibilizados pela mídia em geral, Dayrell nos coloca que:

embora haja uma ampliação de possibilidades, há também uma restrição ao seu acesso. Podemos dizer que, no Brasil, *a modernização cultural não veio acompanhada de uma modernização social*. Essa é uma das faces perversas da nova desigualdade. Os jovens pobres se veem, assim, privados da escola, privados do emprego, que vêm acompanhados pela limitação de meios para a participação efetiva no mercado do consumo, da limitação das formas de

lazer, da limitação dos direitos de vivenciar a própria juventude, e, o que é mais sério, veem-se privados de esperança (Dayrell, 2001, p. 10).

A juventude deve ser entendida como uma categoria social, dessa forma, devemos pensá-la além dos critérios biológicos ou etários. São sujeitos em processo de transformação e formação que, muitas vezes, estão inseridos nas fases de transição entre as responsabilidades do ser criança e do ser adulto, marcados pelos conflitos familiares, pela entrada no mercado de trabalho, pela afetividade, pela sua inserção nos diferentes lugares que um sujeito ocupa durante a vida. Para Ferreira, ser jovem é

pertencer a uma etapa da vida, cheia de mistério e de análise de si mesmo, de dúvidas e necessidades de afirmação, de introversão e reflexão sobre seus próprios problemas, que chamamos adolescência (Ferreira, 1978, p. 15). [ a autora define que o termo adolescência] deriva do verbo latino “adolescere”, que significa crescer – e corresponde ao período de crescimento acelerado entre a infância e a maturidade (Ferreira, 1978, p. 21).

Pensando nas questões que envolvem a terminologia empregada neste trabalho, principalmente entre os termos “adolescência” e “juventude”, Ferreira (1978) nos coloca que o significado de cada um deles tem ligação com a natureza do trabalho, ligado à psicologia ou à sociologia. Dessa forma, a autora afirma que:

Quando nos referimos às transformações fisiológicas e à problemática sexual, que é marcante no início desse período, referimos à puberdade. Quando queremos assinalar as modificações concernentes à auto-afirmação e à problemática psicológica, falamos em adolescência média ou adolescência somente. No entanto, para designar as mudanças de ordem pessoal e a problemática sociológica, falamos em juventude (Ferreira, 1978, p. 22).

Na sociedade ocidental, a ideia do “ser jovem” tem ligação direta com as transformações sócio-culturais ocorridas a partir da década de 50, por meio do apelo cultural e das políticas de consumo implantadas no período pós-guerra. De acordo com Dayrell (2001), a expansão dos meios de comunicação propiciaram o aparecimento de *uma cultura juvenil com um novo padrão de comportamento e valores centrados, dentre outros, na liberdade, na autonomia e no prazer imediato* (Dayrell, 2001, p.14).

Segundo Dayrell (2003), é preciso construir uma noção de juventude, ressaltando todas essas questões, mas principalmente nos detendo ao sentido que a palavra “diversidade” tem para essa categoria, pois

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como, parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta (Dayrell, 2003, p. 42).

Sendo assim, consideramos a juventude como uma categoria, mas vimos cada sujeito a partir de sua singularidade, percebendo traços em suas redes de relacionamentos que ora os aproximavam um dos outros, ora os afastavam de seu grupo. Tratar da tecnologia com a juventude foi enfrentar o desafio de lançar sobre eles o olhar da homogeneidade e da heterogeneidade, como parte da cultura juvenil.

### **5.1 - Além do CVT**

Funcionam no município, atualmente, 08 espaços que oferecem *internet* à comunidade, sendo 05 *lan house*, 02 escolas de informática e uma locadora de filmes. Todas elas funcionam no centro ou em ruas que dão acesso ao centro da cidade, local de maior fluxo de pessoas. Apesar da proximidade com a capital do estado, Nova Lima possui “ares interioranos”, convergindo para o centro da cidade todas as atividades mercantis e recreativas. Escolas, bancos, lanchonetes, órgãos públicos, comércio e centros hospitalares funcionam todos nesse bolsão delimitado pelo espaço das *lan house*. Não é à toa que Moraes (1986, p. 15) definiu que *a paisagem seria um organismo com funções vitais e com elementos que interagem* e que, suponho, imprime uma individualidade desse local no espaço.



*campo de força, cuja energia é a dinâmica social [e afirma ainda que] a organização do espaço é determinada pela tecnologia, pela cultura e pela organização social da cidade, que a empreendem.*

Diferentes nos seus fins comerciais, locadora, escola de informática e *lan house* integram o conjunto de lugares que oferecem, dentro do município, acesso a computadores e a rede mundial de computadores. Foi perceptível, nas primeiras visitas de campo, que cada um desses espaços interage diferentemente com a comunidade, seja no valor cobrado por hora de acesso, pelo horário de funcionamento ou pelo princípio inicial de funcionamento comercial. As escolas de informática funcionam como um exemplo de que a ideia principal de levar um sujeito a frequentar esse espaço é para se iniciar no aprendizado de um curso de informática, tanto que as duas escolas visitadas possuem um número muito baixo de usuários em busca de uso do computador ou da *internet* para outros fins.

Em suas discussões, Milton Santos sugere que um lugar é visto sempre sob dois pontos de vista, o lugar visto de fora e o lugar visto de dentro. A apropriação feita pelo homem do lugar está relacionada ao sentido de apropriação pelos que ali frequentam. Inicialmente podemos sugerir que, na locadora e na escola de informática, há uma relação diferenciada das *lan house* com relação ao uso do espaço. Nesse sentido, para um pensar etnográfico das apropriações dos espaços conhecidos como *lan house*, exclui da pesquisa o trabalho de campo nos espaços não denominados de *lan house*. Segundo Carlos:

São as relações que criam o sentido dos lugares (...) isso porque o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidas por um conjunto de sentidos impressos pelo uso (Carlos, 1996, p. 22).

Nesse sentido, optei por conhecer os significados, usos e apropriações dos lugares que funcionam sob um título comum, primeiramente pela concepção inicial daquele que pensou seu lugar como uma *lan house*.

Um espaço dentro do espaço, cada *lan house* nos imprime uma leitura particular: ArenA, Web Caverna, ICE e Control's. Quais são os discursos ideológicos, representados pelo ver do lado de fora, vistos nas fachadas desses lugares? A leitura externa reflete o interior desses espaços? A partir de agora, tentarei fazer uma análise das quatro *lan house* citadas anteriormente. Essa análise partiu da lógica de que o ver “por fora” e o ver “por dentro” deveria acontecer em dois momentos distintos. Isso decorreu da tentativa de não misturar o meu olhar. As primeiras visitas ao interior das *lan house* aconteceram depois do registro das impressões externas dos lugares. É preciso ressaltar que a opção tomada não teve a intenção de pensar que essa análise posterior tivesse relação com o discurso de neutralidade científica, pois a minha interpretação já reflete um lugar social ocupado. Foram analisadas as quatro *lan house* abaixo:

ArenA PH <i>Lan House</i> Quantidade de computadores: 16	Control's Informática e <i>Lan House</i> Quantidade de computadores: 10
<i>Lan House Ice</i> Quantidade de computadores: 09	Web Caverna <i>Lan House</i> Quantidade de computadores: 08

Quadro 5 – *Lan house* analisadas



Figura 6 – *Lan House ICE*

ICE é o acróstico para *Internet*, *Comunicação* e *Entretenimento*, do inglês *ice* – gelo. A ideia de que uma *lan house* é um local desprovido de interações entre humanos, onde cada um se fixa no seu computador, restringindo as interações entre indivíduos, nos remete ao clima frio explícito no termo “*ice*”, gelo, gelado, resfriado. Como a tecnologia muitas vezes ganha o viés de um objeto que distancia o humano das suas sociabilidades, a placa de entrada me permitiu essa primeira leitura.



Figura 7 – *Lan House Arena.ph*

O logotipo do lugar pretende informar aos olhares externos exatamente a definição do que é a palavra “arena”, campo de batalha, no dicionário *Aurélio* “*arena: nos antigos anfiteatros romanos, área central onde combatiam os gladiadores e as feras.*” O primeiro e o último “A” maiúsculo da palavra dão a ideia de um cercado na própria palavra. Além disso, o boneco acima do nome da *lan house* sinaliza um alvo, uma seta, um ponteiro, dando a ideia de que o boneco com ares de um indivíduo mau está sob a mira de um atirador. Na minha leitura, ambas as opções se complementam no sentido de sinalizar o local como um espaço de luta e de jogo.



Figura 8 – *Lan House Control's*

A tradução da palavra em inglês *control* é controle. A porta de vidro preta logo anuncia a prestação de serviços de utilidade pública: consultas ao SPC, Serasa, cheques e veículos, além de *internet*, impressão, *xerox* e manutenção de micro. Existe um contraste entre a ideia passada pelos serviços prestados e o bonequinho, também com cara de mau. O proprietário parece utilizar desse artifício dúbio para atrair dois públicos diferentes: pessoas

interessadas na prestação de serviços e pessoas interessadas em outros produtos da *internet*: jogos, *Orkut*, *MSN*, etc.

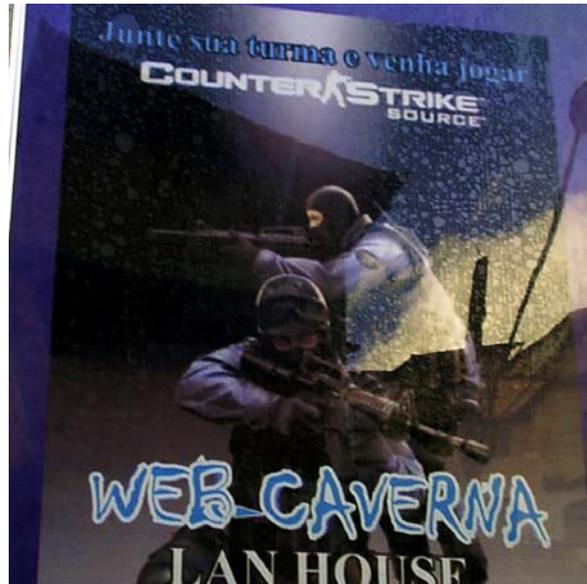


Figura 9 – *Lan House* Web Caverna

A porta de entrada da *lan house* é um vidro escuro inscrito WEB Caverna e faz referência a Bat Caverna, um provável esconderijo dos homens morcegos que querem ficar escondidos no mundo virtual. A *lan house* faz questão de deixar explícito que o espaço é próprio para aqueles que queiram jogar jogos de violência. Sob a imagem de dois homens encapuzados, em posição de tiro, ocorre a chamada no verbo imperativo “junte sua turma e venha jogar” *Counter Strike* – contra ataque.

As principais ideias vindas das placas: gelo, campo de batalha, controle e caverna representam um segmento que tem como público alvo os jovens? Quem são os jovens que frequentam essas *lan house*? O “olhar de fora” teria alguma relação com o fato de um jovem

optar entre uma ou outra *lan house*? Penso que podemos apenas afirmar que estes locais são campos de forças e que cada espaço, apesar de terem traços comuns, provavelmente tenderão a ter dinâmicas de apropriação diferenciadas.

## 5.2 - Como os jovens se apropriam desse espaço?

Teoricamente poderíamos prever que a apropriação e a utilização desses espaços pelos jovens responderiam a questões comuns de acesso a tecnologia, o que, de certo modo, se comprovou posteriormente. Porém, detalhes sutis foram aparecendo ao longo do tempo, tais como: modo de inserção na *lan house* (individual ou em grupo), motivo do acesso (MSN, *Orkut*, jogos, outros) e interação entre frequentadores.

Espaços que dispõem de jogos estimulam obviamente a entrada em grupo, onde os participantes se desafiam e se relacionam através do jogo virtual e no próprio local do jogo. Há conversas paralelas, brincadeiras ou advertências a respeito do jogo. Nesses locais, outros usuários que vêm para fazer um trabalho escolar ou outra atividade de leitura na *internet* que necessite de um outro tipo de concentração não ficam tão à vontade devido ao barulho. Os jogadores se ocupam mais da *ArenA* e da *WebCaverna*, locais que já indicavam um espaço apropriado para jogos e reunião de turmas. É bom ressaltar que esses jogadores são do sexo masculino; não acompanhei, durante as visitas, nenhum usuário do sexo feminino ou grupo de mulheres em atividades de jogos eletrônicos. As outras duas, *Ice* e *Control's*, já são frequentadas por jovens em busca de um bate papo no MSN ou no *Orkut*, programa e site muito utilizados pelos jovens. Nesses outros espaços, principalmente na *Control's*, o número de usuários do sexo masculino e feminino é próximo de um equilíbrio. Foi observado que a

maior parte do tempo de acesso a *internet*, tanto nas *lan house* como no Centro Vocacional Tecnológico, estava limitado a esses dois locais. Essa utilização do *Orkut* e do MSN no CVT é algo que merece uma atenção especial. Por se tratar de um centro voltado para a capacitação de usuários, esses dois programas são teoricamente proibidos. Nas turmas da manhã, onde os usuários mais velhos são maioria, não vi tantas tentativas de acesso a esses espaços. A interação com a turma e com o monitor é mais privilegiada. Porém, no turno da tarde e noite, onde a maioria do público é composta por jovens, há um acordo “de cavalheiros”, não verbalizado, mas de certa forma explícito, de acesso a esses espaços por meio de “entradas piratas”.

Ou seja, os monitores do CVT não proíbem e não expressam contrariedade ao acesso dos usuários para esses lugares, desde que a “ordem” seja mantida dentro da “sala digital” e que outros usuários não sejam perturbados em suas atividades. A entrada pirata é um dispositivo encontrado na *internet*, onde pessoas desenvolvem modos alternativos de entrada a uma página da *internet*, que o servidor do local de acesso não identifique como “página bloqueada”. Por exemplo, para entrar no MSN, um usuário precisa entrar no programa do *Windows Live Messenger*, que deve estar instalado no computador. Bloqueando o acesso a esse programa, usuários não conseguem se conectar ao programa. Através da entrada pirata, feita, por exemplo, através do site [www.meebo.com.br](http://www.meebo.com.br), o usuário consegue burlar o bloqueio e ter acesso ao programa. Essas entradas piratas são várias e cada usuário dispõe da sua preferida. O encontro dessas entradas se dá de duas formas, por indicação de amigos ou pelo sistema de busca na *internet*. Grande parte do tempo gasto na *internet* no CVT é com o *Orkut* e com o MSN. Com uma interface organizada e linguagem em português, as dificuldades iniciais de acesso são superadas num curto período de tempo. De acordo com Bretãs (2006, p. 42) *as interações sociais possibilitadas pelas redes telemáticas utilizam-se de novos códigos*

de linguagem para as conversações no ciberespaço, mantendo, muitas vezes, uma analogia com as práticas comunicativas.

As interações observadas no ciberespaço foram possíveis de serem identificadas apenas pelos usuários do CVT, pois nas *Lan House*, o público é inconstante e muito variado. As ligações entre os usuários do CVT foram possíveis através do site de relacionamentos do *Orkut*. Foi possível traçar, por meio dele, um mapa da rede de relacionamento desses sujeitos. Essa rede foi construída com o objetivo de deixar mais perceptível a interação virtual construída pelos sujeitos acompanhados durante o trabalho. Apesar de não aparecer diretamente conectada a todos, a chave para montagem deste quebra cabeça foi o meu perfil no *Orkut*. Através dele é que tive acesso a todos esses perfis e pude acompanhar cada um e estabelecer sua rede de contatos.

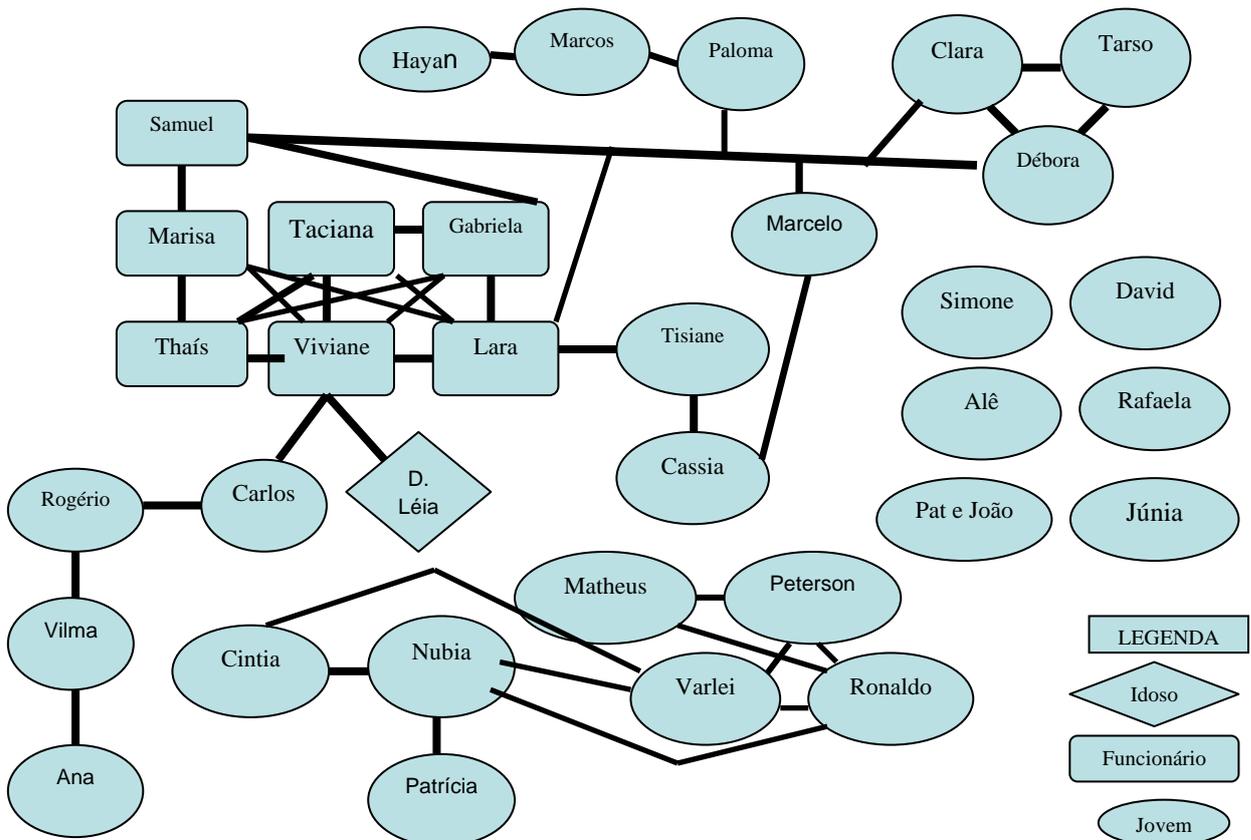


Figura 10 – Rede de Interação dos usuários do CVT no *Orkut*

Podemos perceber, pela análise desta rede construída, que os sujeitos se relacionam pela *internet*, mesmo não tendo diretamente um relacionamento no dia a dia. A maior parte desses sujeitos não frequentam o CVT em horários comuns, mas estão conectados pela *internet*, como, por exemplo, o jovem Marcelo, que tem ligação com um grupo de jovens que não fazem parte do seu contexto diário de sociabilização. Porém, podemos perceber, nesse caso, que todos eles têm ligação com o monitor Samuel, o que nos sugere que essa ligação pelo *Orkut* se fez pelo ponto comum entre eles: o monitor. Dois grupos se diferenciam dessa análise: primeiramente o grupo dos sujeitos isolados, que têm como grupo principal de amizade outros sujeitos pertencentes a outros grupos de sociabilização, como amigos de escola e/ou vizinhança e o grupo dos três jovens selecionados nesta pesquisa: Peterson, Varlei e Ronaldo.

Como dito anteriormente, a troca de mensagens entre os usuários na *internet* não tem ligação direta com a presença deles no CVT, pois os “grupinhos” nem sempre frequentam o espaço no mesmo horário. O *Orkut* serve de ponte para encontro para alguns e campo de disputa para outros. Vejamos o caso dos amigos Peterson, Varlei e Ronaldo. Eles são amigos, vizinhos, estudam na mesma escola, saem juntos e vão ao CVT juntos. Varlei e Peterson ainda frequentam a casa do Ronaldo (dançarino de um grupo de axé) para usarem a *internet*. Teoricamente, Ronaldo não precisaria se deslocar da sua casa para ir ao CVT utilizar a *internet*, já que esta se encontra disponível em sua casa, mas, para acompanhar os outros dois amigos, ele frequenta o espaço. Entre os três, há uma disputa no *Orkut*: eles disputam quem tem o maior número de amigos virtuais. Em junho de 2009, Peterson, Varlei e Ronaldo contavam, respectivamente, com 481, 229 e 210 amigos. Em janeiro de 2010, na mesma ordem, cada um possui 931, 432 e 445 amigos. Em 06 meses, cada um quase teve dobrado ou

dobrou o número total de amigos no *Orkut*. Questionados sobre a função do *Orkut* na vida deles, as respostas se contornaram no “fazer amigos”:

Varlei: um meio de conhecer as pessoas

Peterson: ah pra zoar encontrar mais amigos esses trem

Ronaldo: ah ajuda com os amigos assim eu tenho altos amigos

Perguntei ao Ronaldo pela questão da disputa dos amigos:

Daniele: eu vi que outro dia vocês estavam disputando quem tem mais amigos

Ronaldo: É

Daniele: como é que funciona isso aí?

Ronaldo: ah os meninos ficam lá porque eu fiz meu *Orkut* primeiro aí eles ficaram falando que iriam passar meus amigos mas aí eu papo eles

Daniele: aí vocês ficam procurando pessoas pra adicionar?

Ronaldo: É

Daniele: e aonde que ocorre essa procura?

Ronaldo: ah altos lugares assim tipo amigo de amigo meu eu vou lá procuro e pego adiciono

A partir dessa resposta do Ronaldo, podemos confirmar a teoria do “gancho” de amizades. A rede social do *Orkut*, para este grupo, foi se formando a partir de um usuário chave. A partir dele, vários amigos vão sendo “captados”.

O MSN é um outro espaço na *internet* utilizado pelo grupo e mais apropriado para conversar e conhecer melhor os amigos conquistados, no *Orkut* ou em outros locais. Perguntados sobre a utilização do MSN, eles responderam:

Ronaldo: MSN é muito melhor pra conhecer as pessoas assim conversar com elas tal

Varlei: ah bom é conversar com as pessoas

Entendemos, a partir do convívio com esse grupo, que o modo como os jovens se apropriam dos espaços que oferecem tecnologia varia muito em função do que eles buscam: diversão, aprendizado, sociabilidade, leitura, pesquisa, etc. As estratégias de utilização variam muito em função do letramento e da instrumentalização do acesso às páginas e programas. Apesar de ter notado um certo grau superior de facilidade de acesso pelos jovens, isso não pareceu determinante em função do uso, pois as dificuldades de localizar informações foram percebidas durante minha permanência no campo. Essas questões pretendo desenvolver futuramente, pois ficou “no ar” a pergunta: o que determina um grau elevado de letramento digital? O modo como se apropriam ou as estratégias que utilizam?

## 6.0 - FICANDO OFFLINE

Em justificativa ao tema da sua tese de doutoramento sobre a “inclusão digital”, mais especificamente, ao acesso direto e indireto à tecnologia, Buzato (2007), faz uma paródia a Orwell e coloca que *alguns indivíduos são mais incluídos do que os outros* (Buzato, 2007, p. 11). “Pegando carona” nas ideias deste pesquisador, percebi logo na entrada no campo que suas palavras também iam ao encontro das minhas observações. Apesar do acesso se dar por diferentes vias, como tentei mostrar neste trabalho, cada um, a sua maneira, experimenta sua vivência de inclusão, ou acesso, como optamos por denominar a relação do sujeito com a tecnologia do computador e *internet*.

Ao falarmos em termos de inclusão e acesso, logo somos levados a pensar no seu oposto, a exclusão. Sobre ela, Martins nos diz que:

O discurso corrente sobre exclusão é basicamente produto de um equívoco, de uma fetichização, a fetichização conceitual da exclusão, a exclusão transformada numa palavra mágica que explicaria tudo. Rigorosamente falando, só os mortos são excluídos, e nas nossas sociedades a completa exclusão dos mortos não se dá nem mesmo com a morte física; ela só se completa depois da lenta e complicada morte simbólica. [ o ] que nos chamamos de exclusão não cria mais os pobres que nós conhecíamos e reconhecíamos até outro dia. Ele cria uma sociedade paralela que é incluyente do ponto de vista econômico e excluyente do ponto de vista social, moral e até político (Martins, 1997, p. 27, 34).

Dessa forma, pensar em sujeitos *excluídos* seria idealizar uma situação de “laboratório” e desconsiderar todos manejos, ações e influências que atingem, de alguma forma, o grupo observado. Não posso afirmar, nem generalizar, mas acredito que parte do que vimos aqui, com relação às apropriações e disposições de acesso à tecnologia, sejam refletidos em outros espaços sociais. Isso nos leva a pensar que as políticas denominadas de “inclusão digital” (com orientação social, vocacional, econômica, etc) devem repensar suas estratégias de desenvolvimento, pois não atingem seu objetivo inicial, como no caso do Centro Vocacional Tecnológico pesquisado.

Para ilustrar a situação desses sujeitos, podemos pensar em termos de “fronteiras”. Eles transitam cada um dentro da sua possibilidade, nos diferentes espaços a que a tecnologia da *internet* permite além do seu lugar real. É o que Buzato (2007) nos coloca sobre o que envolve o termo incluir. Esse autor indaga *afinal, incluir-se é entrar ou sair? ou entrar e sair? sair para ver-se dentro e entrar para ver-se fora, tudo ao mesmo tempo agora* (Buzato, 2007, p. 22) (grifos do autor)

Ele, então, nos responde que essa fronteira entre ser ou não incluído não é fator determinante, pois:

Inclusão e exclusão não são sinônimos de estar dentro e estar fora, partilhar do consenso ou alienar-se totalmente: são dois modos simultâneos de estar no mundo. Trata-se de uma perspectiva baseada na heterogeneidade (da linguagem, da cultura, do sujeito e da tecnologia) a partir da qual é possível perceber que todos já somos irremediavelmente incluídos ou excluídos ao mesmo tempo (Buzato, 2007, p. 24).

Observando os sujeitos, foi perceptível que o acesso ao equipamento por si só não garante o acesso. O “que fazer” e “como fazer” são indagações frequentes diante da tela luminosa, por aqueles que não têm um grau de letramento para a tecnologia que lhes dê capacidade para movimentar-se autonomamente pela rede. Com relação a essa lacuna, Buzato, na sua revisão conceitual do termo inclusão digital, a define como:

um processo contínuo e conflituoso, marcado pela tensão entre homogeneização e proliferação da diferença, tradição e modernidade, necessidade e liberdade, através do qual as TIC penetram contextos sócio-culturais (sempre heterogêneos), transformando-os, ao mesmo tempo em que são transformadas pelas maneiras como os sujeitos as praticam nesses contextos (Buzato, 2007, p. 74).

Esses conflitos e tensões que atingem os sujeitos interferem no grau de letramento. Segundo Street (2003) apud Buzato (2007), *o letramento varia de cultura a cultura, portanto, também variam os efeitos e os diferentes letramentos em diferentes condições.* (Street, 2009, p. 1) apud (Buzato, 2007, p. 152). Em sua tese, Buzato resume os principais pressupostos da perspectiva sócio-cultural dos estudos sobre letramento,. Segundo ele:

Letramento são práticas sociais, plurais e situadas, que combinam oralidade e escrita de formas diferentes em eventos de natureza diferente e cujos efeitos ou conseqüências são condicionados pelo tipo de prática e pelas finalidades específicas a que se destinam. Também podemos dizer que a definição de quais letramentos são válidos como formas de “inclusão” reflete os valores culturais e os hábitos linguísticos dos grupos mais poderosos no contexto social em que são praticados, e que a aquisição dos

letramentos dominantes por grupos subalternos pode constituir-se um processo conflituoso e simbolicamente violento, cujas repercussões são muito pouco previsíveis (Buzato, 2007, p. 153 - 154).

Esse conflito entre a colocação e a denominação de um grupo em determinado grau de letramento, de acordo com seu lugar ocupado nessa rede ou de acordo com o mito do ser “excluído” ou “incluído”, como mostrado anteriormente, não facilita nossa compreensão do processo de como as pessoas interagem, utilizam, apropriam e veem a *internet* e/ou outras tecnologias. Pensando dessa maneira, e como alternativa para ir fechando o trabalho aqui proposto, acredito que novamente a ideia de fronteira cabe também na discussão sobre o letramento. Para Pratt, letramentos são percebidos pelas zonas de contato, isto é *espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação* (Pratt, 1999, p. 27).

E é nesse entrelaçar, misturar, modificar, criar, perceber e interagir que acontecem, de algum modo, as interações sociais, linguísticas e políticas na *internet*. Que constantemente exige do sujeito novos entrelaçamentos e o que o coloca nessa fronteira ou zona de contato entre o aprendizado constante.

Espero que esta dissertação auxilie outras pesquisas nessa área, quando deixa exposto que ainda há muitas questões a serem discutidas e aprofundadas, seja pensando a tecnologia dentro ou fora do espaço escolar. E atualmente pensar em uma distribuição igualitária da tecnologia na sociedade pode parecer utopia, mas, como diz Mário Quintana sobre as utopias *Se as coisas são inatingíveis...ora! Não é motivo para não querê-las... que tristes os caminhos, se não fora... a presença distante das estrelas!*

## 7.0 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDROUTSOPOULOS, Jannis. *Introduction: Sociolinguistics and computer-mediated communication*. Journal of Sociolinguistic 10/4, 2006, p. 419-438

ANDROUTSOPOULOS, Jannis. *Multilingualism, diáspora, and the internet: Codes and identities on German-based diáspora websites*. Journal of Sociolinguistic 10/4, 2006, p. 520-547

ALBUQUERQUE, Daniela Perri Bandeira. *Trajetórias de estudantes universitários de meios populares em busca de letramento digital*. Tese de doutorado – Belo Horizonte: Faculdade de Educação / UFMG / 2009

ANANA, Edar da Silva et al. *As comunidades virtuais e a segmentação de mercado: uma abordagem exploratória, utilizando redes neurais e dados da comunidade virtual Orkut*. Rev. adm.contemp., Curitiba, v.12, n. spe, 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 16/10/2009

ARAÚJO, Mônica Dayse Vieira. *Formas e condições de apropriações da cultura escrita digital por crianças de camadas médias*. Dissertação de mestrado – Belo Horizonte: Faculdade de Educação / UFMG / 2007

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997

BALBONI, Mariana Reis. *Por detrás da inclusão digital: uma reflexão sobre o consumo e a produção de informações em centros públicos de acesso à internet no Brasil*. Tese de doutorado – São Paulo: Escola de Comunicação e Arte / USP / 2007

BALDANZA, Renata Francisco. *Comunicação e interação on line como nova forma de sociabilidade: analisando uma comunidade virtual de turismo*. Dissertação de mestrado – Rio de Janeiro: Faculdade de Comunicação Social / UERJ / 2007

BANDEIRA, Daniela Perri. *A influência do uso da internet no processo de letramento de adolescentes*. Dissertação de mestrado - Faculdade de Educação / UFMG / 2003

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: *Lembranças dos velhos*. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

BRAGA, Denise Bértoli. A comunicação interativa em ambiente hipermídia: as vantagens da hipermodalidade para o aprendizado no meio digital In: MARCUSCHI, Luiz Antonio, XAVIER, Antônio Carlos (org). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.144-162.

BRAGA, Denise Bertóli. *Hipertexto: questões de produção e leitura*. Estudos lingüísticos XXXIV, 2005, p. 756-761.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996

BRETAS, Maria Beatriz Almeida Sathler. *Interações telemáticas: estudo sobre jovens e internautas de Belo Horizonte*. Tese de doutorado – Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação / UFMG / 2000

BRETAS, Maria Beatriz Almeida Sathler. Comunicação comunitária e inclusão digital. In: LIMA, Rafaela (org). *Mídias comunitárias, juventude e cidadania*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, Associação Imagem Comunitária, 2006

BUZATO, Marcelo El Khouri. *Entre a fronteira e a periferia: linguagem e letramento na inclusão digital*. Tese de doutorado – Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem / UNICAMP / 2007

BUZATO, Marcelo El Khouri. *Letramento e Inclusão: Do estado-nação à era das TIC*. Revista D.E.L.T.A, 25:1, 2009

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996

CATELLS, Manuel. *A sociedade em rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999

CATELLS, Manuel. *A Galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

CHARTIER, Roger, BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultura. In: CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. 2ª Ed. São Paulo, Estação Liberdade, 2001, p. 229-253.

CHARTIER, Roger. Do livro a leitura. In: CHARTIER, Roger. *Práticas da leitura*. 2ª Ed., São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 77-105.

CORDEIRO. Luciana Zenha. *Leitura na tela: estudo exploratório de práticas de leitura na internet*. Dissertação de mestrado – Belo Horizonte: Faculdade de Educação / UFMG / 2001

COSCARELLI, Carla Viana. *A produção de gêneros textuais*. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. 2007

COSCARELLI, Carla Viana. *Leitura em ambiente multimídia e a produção de inferências*. Tese de doutorado – Belo Horizonte: Faculdade de Letras / UFMG / 1999

DAYRELL, Juarez Tarcísio. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte*. Tese de doutorado – São Paulo: Faculdade de Educação / USP / 2001

DAYRELL, Juarez Tarcísio. *O jovem como sujeito sócio-cultural*. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n.º 24, set./dez., 2003, p. 40-53

DAYRELL, Juarez Tarcísio. *O jovem como sujeito social*. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, 2003.

DIAS, Claudia Augusto. *Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais*. *Ci. Inf.* Brasília, v.28, n.3, p.269-277, set./dez. 1999

DORNELLAS, Jonatas. *Planeta Terra – cidade Porto Alegre: uma etnografia entre internautas*. Dissertação de mestrado – Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas / UFRS / 2003

DORNELLAS, Jonatas. *Vida em rede: uma análise antropológica da virtualidade*. Tese de doutorado – Porto Alegre: Instituto de filosofia e ciências humanas / UFRS / 2008

DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal. *Informação, comunicação e sociabilidade via internet: um estudo das interações no ciberespaço entre membros do movimento escoteiro*. Tese de doutorado – Belo Horizonte / Escola de Ciência da Informação / UFMG / 2005

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildergard Feist. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994

FERREIRA, Berta Weil. *Adolescência: teoria e pesquisa*. Porto Alegre: Sulina, 1978

FILHO, Pedro Luiz Caetano. *O uso de links e leitura no ciberespaço: a interação leitor-hipertexto e a construção de sentido*. Dissertação de mestrado – Belo Horizonte: Faculdade de Letras / UFMG / 2004

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8. ed., ver. e ampl. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

FREITAS, Vivianete Milla de. *Leitura e escrita de jovens em contextos de RPG*. Dissertação de mestrado – Belo Horizonte: Faculdade de Educação / UFMG / 2007

GATTI, Bernadete Angelina. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Plano Editora, 2002.

GLÓRIA, Juliana Silva. *Letramento Digital: estudo sobre práticas escolares de leitura e escrita no computador vivenciadas por alunos usuários da rede pública de ensino*. Dissertação de mestrado – Belo Horizonte: Faculdade de Educação / UFMG / 2004

GEORGAKOPOULOU, Alexandra. *Postscript: Computer-mediated communication in sociolinguistics*. Journal of Sociolinguistic 10/4, 2006, p. 548-557

GOMES, Edison. *Rede Jovem: um lugar de comunicação e sociabilidade*. Dissertação de mestrado – Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / UFMG / 2004

GÓMEZ CRUZ, Edgar. *Hacia la constucción de una metodologia para el estudio de las Comunidades Virtuales – Una propuesta emergente*. Fuente Original: Versión 12, UAM-Xochimilco. 2002. Disponible em el ARCHIVO del Observatorio para la CiberSociedad em <http://www.cibersociedade.net/archivo/articulo.php?art=21>

GREEN, Judith L. *A etnografia como uma lógica de investigação*. Educação em Revista/Universidade Federal de Minas Gerais – n. 01 (1985) – Belo Horizonte: FaE/UFMG, n. 42, dez. 2005

HACK, Cássia. *Lazer e mídia em culturas juvenis: uma abordagem da vida cotidiana*. Dissertação de mestrado – Florianópolis: Faculdade de Educação Física / UFSC / 2005

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A., 2005

Helman, C. G.. Cultural aspects of time and ageing: time is not the same In: *Every Culture and Every Circumstance*; our views of ageing also differ [Special Issue]. European Molecular Biology Organization, 6 (S1), S54-S58, 2005

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm> Acesso em 10 de março de 2009

KACHAR, Vitória. *Terceira Idade e informática: aprender revelando potencialidades*. São Paulo: Cortez, 2003

KOCH, Ingedore Villaça. Linguagem e interação face a face. In: KOCH, Ingedore Villaça. *A interação pela Linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

LÈVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. Loyola, 1999

LÜDKE, Menga. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E.D. *Pesquisa em educação: abordagem qualitativa*. São Paulo: EPU, 2007. 10ª Reimpressão

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E.D. *Pesquisa em educação: abordagem qualitativa*. São Paulo: EPU, 2007. 10ª Reimpressão

LÜDKE, Menga. Evolução da pesquisa em educação. In: LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E.D. *Pesquisa em educação: abordagem qualitativa*. São Paulo: EPU, 2007. 10ª Reimpressão

MARCUSCHI, Luiz Antonio, XAVIER, Antônio Carlos (org). *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.110-119

MARINHO, Marildes. *A oficialização de novas concepções para o ensino de português no Brasil*. Tese de doutorado – Campinas: Faculdade de Letras / Unicamp / 2001

MARINHO, Marildes. *Que novidades trouxeram os "novos estudos sobre letramento*. In: VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste, 2007, Vitória. Anais do VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste - 27 a 30 de maio 2007, 2007. p. 1-14.

MARTELETO, R. M., RIBEIRO, L. B. *Informação e construção do conhecimento para a cidadania no terceiro setor*. Revista Informação e Sociedade: Estudos, v. 11, n. 1, 2001. Disponível em <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br>>. Acesso em 10 de março 2009.

MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997

MAYANS i PLANELLS, Joan. *Nuevas tecnologías, Viejas etnografías. Objeto y método de la antropología del ciberespacio*. Fuente original: Revista Quaderns de I'IXA, 17-18, p. 79-97. 2002. Disponible em el ARCHIVO del Observatorio opara la CiberSociedad em <http://www.cibersociedad.net/archivo/articulo.php?art=23>

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.

MENDONÇA, Fernando de Oliveira. *O adolescente no mundo e o mundo no adolescente: visões de mundo de adolescentes de uma área periférica e de uma área de elite em Belo Horizonte*. Dissertação de mestrado – Belo Horizonte: Faculdade de Educação / UFMG / 2005

MENESES, Julio. *Diez años de vida (cotidiana) en la pantall: una relectura crítica de la propuesta de Sherry Turkle*. UOC papers (artículo em línea). N. 02, 2006. UOC. Disponível em <http://www.uoc.edu/uocpapers/2/dt/esp/meneses.pdf>

MENEZES, Sheila Alessandra Brasileiro de. *Juventude.com.br: a inclusão/exclusão digital de alunos do ensino noturno*. Dissertação de mestrado – Belo Horizonte: Faculdade de Educação / UFMG / 2003

MOINIAN, Farzaneh. *The construction of identity on the internet: Oops! I've left my diary open to the whole world*. SAGE Publications. London, Thousand Oaks and New Delhi, Vol. 13(1): 49-68, 2006

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Annablume Editora, 1986

MOSTEO, Francesc Núñez. *Internet, fábrica de sueños. Claves para la comprensión de la participación em foros y chats*. Revista Digital d'Humanitas. ISSN 1575-2275, 2001 Disponível em [http://www.uoc.es/humfil/articles/cat/nunez/nunez\\_imp.html](http://www.uoc.es/humfil/articles/cat/nunez/nunez_imp.html)

PEIXOTO, Marco Aurélio Nicolato. *Os laboratórios de ensino nas escolas estaduais de nível médio de Belo Horizonte*. Dissertação de mestrado – Belo Horizonte: Faculdade de Educação / UFMG / 2003

PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. São Paulo: EDUSP, 1999

QUINTANA, Mario. *Espelho Mágico*. Rio de Janeiro: Globo, 1951. 113p

RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e escrita In: COSCARELLI, Carla, RIBEIRO, Ana Elisa (orgs.). *Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2005, p.125-150.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Ler na tela: novos suportes para velhas tecnologias*. Dissertação de mestrado – Belo Horizonte: Faculdade de Letras / UFMG / 2003

RIBEIRO, Ana Elisa. *Navegar lendo, ler navegando. Aspectos do letramento digital e da leitura de jornais*. Tese de doutorado – Belo Horizonte: Faculdade de Letras / UFMG / 2008

ROCHA, Eliane Cristina de Freitas. *Caminhos de aprendizagem via internet: um estudo dos percursos realizados por estudantes adolescentes de contagem no ciberespaço*. Dissertação de mestrado – Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / UFMG / 2003

RODRIGUEZ, Carla Lopes. *O movimento de apropriação das tecnologias de informação e comunicação (TIC) por adultos escolarizados em exercício de sua profissão: um estudo com agentes comunitários de saúde*. Dissertação de mestrado – Campinas: Instituto de Artes / UNICAMP / 2006

SAINT-EXUPÉRY, Antonie de. *O pequeno príncipe*. Trad. Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 2006. 48ed.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2000

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. *O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais*. Estudos de Psicologia I Campinas I 25(4) I 585-593 I outubro - dezembro 2008

SCHNEUWLY, Bernard. Os Gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetivos de ensino In: SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. ROJO, Roxane, CORDEIRO, Gláís Sales. Campinas, SP: Mercado das letras, 2004, p.71-91.

SOARES, Magda. *Novas possibilidades de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Educação e Sociedade, dez. 2002, vol. 23, n.81, p. 143-160.

TOURAINÉ, Alain. *Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje*. Tradução: Gentil Avelino Tilton – Petrópolis, RJ: Vozes, 2006

WARSCHAUER, Mark. *Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate*. Mark Warschauer. Trad. Carlos Szlak. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.